



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

LAURA MOURA DE ANDRADE

ENQUADRAMENTO DA TEMÁTICA DA DESIGUALDADE
SOCIAL NO WEBJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA PANDEMIA
DA COVID-19 NOS PORTAIS FOLHA DE S. PAULO E ESTADÃO

Teresina - PI
2023

LAURA MOURA DE ANDRADE

**ENQUADRAMENTO DA TEMÁTICA DA DESIGUALDADE SOCIAL NO
WEBJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS
PORTAIS FOLHA DE S. PAULO E ESTADÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: processos e práticas em jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Fernandes Teixeira.

Teresina - PI
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

A554e Andrade, Laura Moura de.
 Enquadramento da temática da desigualdade social no
 webjornalismo : uma análise da pandemia da Covid-19 nos
 portais Folha de S. Paulo e Estadão / Laura Moura de Andrade.
 – 2023.
 106 f.: il.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
 Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
 em Comunicação, Teresina, 2023.

 “Orientadora : Prof.^a Dra. Juliana Fernandes Teixeira.”

 1. Desigualdade Social. 2. Webjornalismo. 3. Covid-19.
I. Teixeira, Juliana Fernandes. II. Título.

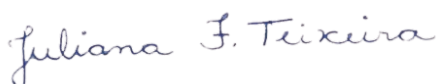
CDD 361.1

Bibliotecário: Gésio dos Santos Barros – CRB3/1469

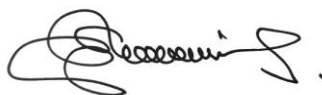
LAURA MOURA DE ANDRADE

**ENQUADRAMENTO DA TEMÁTICA DA DESIGUALDADE SOCIAL NO
WEBJORNALISMO: UMA ANÁLISE DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS
PORTAIS FOLHA DE S. PAULO E ESTADÃO**

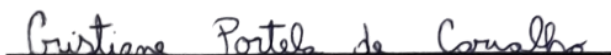
**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Federal do Piauí, em cumprimento
às exigências para obtenção do título de Mestre em
Comunicação**



PROFA. DRA. JULIANA FERNANDES TEIXEIRA
Presidente



PROF. DR. EDGARD PATRÍCIO DE ALMEIDA FILHO
Examinador



PROFA. DRA. CRISTIANE PORTELA DE CARVALHO
Examinadora

AGRADECIMENTOS

“Você é o único representante do seu sonho na face da terra. Se isso não fizer você correr, chapa, eu não sei o que vai”. Finalizar o mestrado é, certamente, a realização de um sonho. Um sonho meu que, por muitas vezes, foi criticado e desdenhado por algumas pessoas, mas também elogiado e apoiado por outras. Encerrar esta etapa foi um passo muito importante para a construção da minha carreira como pesquisa e professora. Pretendo dar outros passos e seguir nesta caminhada cheia de desafios, mas também de realizações.

Sei que esta caminhada não será fácil, mas não estarei sozinha, como foi no mestrado. Por isso, primeiramente, **agradeço aos meus pais**, Agostinho Vilarindo de Andrade e Maria do Socorro Alves de Moura, por sempre terem me incentivado a estudar e a nunca desistir dos meus sonhos. Se hoje sou uma pessoa estudiosa e focada, não tenho dúvidas que eles são os responsáveis por isso.

Agradeço à professora Juliana Teixeira Fernandes, minha orientadora e grande amiga. Ela tornou o meu mestrado mais leve e prazeroso. As nossas sessões de terapia, ou melhor, reuniões sobre a dissertação eram uma das coisas que eu mais gostava. Juliana é uma profissional singular e um exemplo que quero seguir. Ela tem a minha admiração e um lugar no meu coração.

Também **agradeço às professora Cristiane Portela de Carvalho, Maria Érica de Oliveira Lima e ao professor Edgar Patrício de Almeida Filho** por aceitarem o convite de participar da minha banca e terem contribuído tanto com a minha pesquisa. Todas as sugestões dadas por elas e ele foram essenciais para a construção da minha dissertação.

Agradeço ao meu namorado, ou melhor, meu melhor amigo e parceiro de planos, Alexandre. Obrigada pelo companheirismo e por sempre acreditar em mim, mesmo quando nem eu acreditava. **Agradeço aos meus amigos** – antigos e novos - por estarem ao meu lado nesses últimos dois anos. A presença de vocês na minha vida foi de suma importância para eu vencer essa batalha.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI pela oportunidade de fazer parte dele. O corpo docente, as disciplinas, os eventos acadêmicos fizeram a diferença na minha formação profissional. **Agradeço aos meus colegas do mestrado** e também torço para que eles obtenham sucesso em seus objetivos de vida.

Agradeço a todos que participaram de forma direta ou indiretamente dessa minha caminhada.

ANDRADE, Laura Moura de. **Enquadramento da temática da desigualdade social no webjornalismo: uma análise da pandemia da Covid-19 nos portais Folha de S. Paulo e Estadão.** Orientadora: Juliana Fernandes Teixeira. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

RESUMO

O novo coronavírus gerou muitas mudanças na sociedade. Novos padrões de consumo e novas interações sociais - como a educação a distância, o home office, distanciamento social, entre outros - passaram a ser adotados para coibir a expansão do vírus e evitar o agravamento da pandemia. Contudo, nem todas as pessoas tiveram condições de adotar essas medidas e isso acabou escancarando um problema já antigo no país, que é a desigualdade social. Nesse sentido, o jornalismo possui o papel não só de informar sobre a Covid-19, mas também de dar visibilidade aos problemas enfrentados pela população e cobrar medidas cabíveis para a resolução deles. Dessa forma, a evidência ou o negligenciamento no jornalismo da temática desigualdade social pode ser crucial para a construção da realidade pandêmica na sociedade. A partir desse cenário, nota-se que um dos fatores que podem acarretar a invisibilização ou não da temática é o enquadramento jornalístico. É nesse sentido que o presente trabalho enxerga a necessidade de se debruçar sobre a cobertura deste período de pandemia e, assim, responder à seguinte pergunta: quais os enquadramentos dados às notícias sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*? Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar quais os enquadramentos dados às reportagens sobre a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 veiculadas nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Os objetivos específicos são: promover uma revisão teórica e atualizada sobre pandemia, desigualdade social, webjornalismo e enquadramento; observar, selecionar e categorizar as reportagens sobre a temática da desigualdade social; e verificar se o número e o tipo de abordagem das reportagens evidenciaram ou não a problemática. Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas técnicas quantitativa e qualitativa, além do enquadramento, metodologia da pesquisa, sob o aporte teórico de Entman (1993), Reese (2001) e Matthes e Kohring (2008). Para a compreensão de desigualdade social, foram utilizados autores como Atkinson (2016), Costa (2019) e Piketty (2015). Sobre a pandemia, o embasamento teórico é construído a partir de autores como Freitas (2022) e Mendes (2020). Em relação ao webjornalismo, foram utilizados autores como Barbosa (2001), Canavilhas (2014) e Mielniczuk (2003). Foram coletadas 13 reportagens dos observáveis, sendo oito reportagens – quatro da *Folha de S. Paulo* e quatro do *Estadão* – em 2020 e cinco – três da *Folha de S. Paulo* e duas do *Estadão* – em 2021. Foram localizados três enquadramentos: solidário, social e econômico. No enquadramento solidário encontram-se reportagens que tratam sobre campanhas de arrecadação de mantimentos para pessoas vulneráveis feitas por empresários, instituições ou até mesmo pessoas físicas. No social, tratam-se de reportagens que abordaram questões que atravessam a desigualdade social, como a falta de moradia e o racismo. Por fim, no econômico, reportagens que tratam sobre as consequências financeiras desta desigualdade.

Palavras-chaves: Covid-19; Desigualdade Social; Enquadramento; Webjornalismo.

ANDRADE, Laura Moura de. **Framing of the theme of social inequality in web journalism: an analysis of the Covid-19 pandemic in the Folha de S. Paulo and Estadão portals.** Advisor: Juliana Fernandes Teixeira. 2023. 106 f. Master's Thesis (Master's Degree in Communication), Post-Graduate Program in Communication, Federal University of Piauí, Teresina, 2023.

ABSTRACT

The new coronavirus has generated many changes in society. New consumption patterns and new social interactions - such as distance learning, remote work, social distancing, and others - have been adopted to curb the spread of the virus and prevent the worsening of the pandemic. However, a lot of people hasn't been able to adopt these measures, and this has exposed an old problem in the country, which is social inequality. In this sense, journalism has the role not only of informing about Covid-19, but also of giving visibility to the problems faced by the population and demanding appropriate measures to solve them. In this way, the evidence or neglect of journalism of the social inequality theme can be crucial for the construction of the pandemic reality in society. From this scenario, it is noted that one of the factors that can result in negligence or not of the theme is the journalistic framing. It is in this sense that this work sees the need to investigate the coverage of this pandemic period and, thus, answer the following question: what are the framings given to the news on the theme of social inequality during the Covid-19 pandemic in the webpages Folha de S. Paulo and Estadão? In this way, the general objective of this research is to analyze the framings given to the reportages about the theme of social inequality during the Covid-19 pandemic published on the Folha de S. Paulo and Estadão websites. The specific objectives are to promote an updated and theoretical review about pandemic, social inequality, web journalism and framing; to observe, select and categorize the news about the theme of social inequality; and verify whether the number and type of approach of the news highlighted or not the problem. For the realization of this research, quantitative and qualitative techniques were used, in addition to the framing, research methodology, under the theoretical contribution of Entman (1993), Reese (2001) and Matthes and Kohring (2008). For the understanding of social inequality, authors such as Atkinson (2016), Costa (2019) and Piketty (2015) were used. Regarding the pandemic, the theoretical basis is built from authors such as Freitas (2022) and Mendes (2020). In relation to web journalism, authors such as Barbosa (2001), Canavilhas (2014) and Mielniczuk (2003) were used. Thirteen reportages were collected from the observables, with eight reports - four from Folha de S. Paulo and four from Estadão - in 2020 and five - three from Folha de S. Paulo and two from Estadão - in 2021. Three framings were identified: solidarity, social, and economic. In the solidarity framing, there are reports that deal with campaigns to raise supplies for vulnerable people made by entrepreneurs, institutions, or even individuals. In the social framing, there are reports that address issues that cut across social inequality, such as lack of housing and racism. Finally, in the economic framing, there are reports that deal with the financial consequences of this inequality.

Keywords: Covid-19; Social inequality; Framing; Web journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: linha do tempo da pandemia Covid-19.....	21
Figura 2: mapa da vacinação contra a Covid-19 do Portal g1 atualizado em 3 de janeiro de 2023	22
Figura 3: gráfico da Associação Médica Brasileira que representa a extensão entre a primeira e segunda onda da Covid-19 no país	24
Figura 4: pesquisa da UFPel revela que 20% mais pobres da população tiveram o dobro de risco de contaminação que os 20% mais ricos	28
Figura 5: gráfico da Oxfam Brasil mostra que a riqueza dos 10 homens mais ricos do mundo dobrou, enquanto a renda de 99% da humanidade está pior por causa da Covid-19.....	28
Figura 6: gráfico do Portal g1 mostra audiência de março de 2020 – Comscore.....	43
Figura 7: comunicado emitido pela Rede Clube no dia 20 de março de 2020	47
Figura 8: home dos portais Folha de S. Paulo e Estadão no dia 26 de dezembro de 2022 pelo mobile	60
Figura 9: página inicial do Iramuteq	66
Figura 10: processo de obtenção do número de ocorrências de um texto no Iramuteq	67
Figura 11: obtenção da frequência de palavras no Iramuteq	68
Figura 12: Presença de hiperlinks na reportagem da Folha de S. Paulo publicada no dia 19 de março de 2021..	73
Figura 13: gráfico apresentado na reportagem “Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020”, publicada dia 19 de março de 2021 no site Folha de S. Paulo.	74
Figura 14: trecho da reportagem da Folha de S. Paulo intitulada como “Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus” e publicada no dia 24 de março de 2020	74
Figura 15: capa da reportagem “Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraisópolis, publicada no Estadão no dia 30 de março de 2020	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: frequência de palavras das categorias social, financeiro, público e sanitário nas reportagens dos portais Folha de S. Paulo e Estadão entre 16 e 31 de março de 2020	69
Gráfico 2: frequência de palavras das categorias social, financeiro, público e comercial nas reportagens dos portais Folha de S. Paulo e Estadão entre 16 e 31 de março de 2021	71
Gráfico 3: distribuição de editorias nos portais Folha de S. Paulo e Estadão	72
Gráfico 4: tipos de enquadramentos detectados nas 13 reportagens coletadas dos portais Folha de S. Paulo e Estadão.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: reportagens coletadas nos portais Folha de S. Paulo e Estadão.....	62
Tabela 2: palavras mais frequentes nas reportagens da Folha de S. Paulo entre 16 e 31 de março de 2020	68
Tabela 3: palavras mais frequentes nas reportagens da Estadão entre 16 e 31 de março de 2020	69
Tabela 4: palavras mais frequentes nas reportagens da Folha de S. Paulo entre 16 e 31 de março de 2021	70
Tabela 5: palavras mais frequentes nas reportagens da Estadão entre 16 e 31 de março de 2021	70
Tabela 6: análise do enquadramento das reportagens da Folha de S. Paulo coletadas em março de 2020	75
Tabela 7: análise do enquadramento das reportagens da Estadão coletadas em março de 2020.....	79
Tabela 8: análise do enquadramento das reportagens da Folha de S. Paulo coletadas em março de 2021	84
Tabela 9: análise do enquadramento das reportagens da Estadão coletadas em março de 2021.....	88
Tabela 10: reportagens com enquadramento solidário	91
Tabela 11: reportagens com enquadramento social	92
Tabela 12: reportagens com enquadramento econômico	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. DESIGUALDADE SOCIAL E SUA INTENSIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	20
2.1 SURGIMENTO DO VÍRUS E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS	20
2.2 AS ONDAS DA COVID-19 ATÉ A CHEGADA DO “FIM”	22
2.3 DESIGUALDADE SOCIAL: O QUE É?	25
2.4 DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL E SUA INTENSIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA.....	27
3. WEBJORNALISMO E SUA ATUAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19.....	31
3.1 INTERNET E APROPRIAÇÃO SOCIAL TECNOLÓGICA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA PARA COMPREENDER O WEBJORNALISMO	31
3.2 WEBJORNALISMO: DEFINIÇÃO, CONTRIBUIÇÕES, CONSEQUÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS	33
3.3 O WEBJORNALISMO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	42
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ENQUADRAMENTO E SUAS RELAÇÕES COM O JORNALISMO	48
4.1 ENQUADRAMENTO: PRINCIPAIS CONCEITOS E AUTORES	48
4.2 ENQUADRAMENTO E JORNALISMO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL NAS PESQUISAS E NA REDAÇÃO	51
4.3 ENQUADRAMENTOS APLICADOS EM PESQUISAS NA COMUNICAÇÃO	55
5. ANÁLISE DAS REPORTAGENS SOBRE A TEMÁTICA DESIGUALDADE SOCIAL NOS PORTAIS <i>FOLHA DE S. PAULO</i> E <i>ESTADÃO</i>	58
5.1 FOLHA DE S. PAULO E ESTADÃO: OS OBSERVÁVEIS	59
5.2 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	61
5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
5.5 ENQUADRAMENTOS	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98

1. INTRODUÇÃO

Com a expansão do novo coronavírus¹ por todo o planeta, a informação se tornou ainda mais essencial na vida das pessoas. A Covid-19² passou a ser destaque e se consolidou nos noticiários a nível local, nacional e mundial. Desse modo, a importância do jornalismo ficou ainda mais evidente, quando o jornalista assumiu o papel de orientar a população sobre o problema, ser intermediador entre a sociedade e o poder público e cobrar do Estado a resolução de problemas que surgiram durante a pandemia³.

A transmissão comunitária do vírus no Brasil, que é quando um paciente infectado que não esteve nos países com registro da doença transmite a doença para outra pessoa, que também não viajou, foi confirmada ainda no mês de março de 2020. A partir disso, o sistema de saúde de diversos estados do país entrou em colapso. O modo de trabalho, de lazer e até mesmo de comportamento sofreu alterações com a chegada do coronavírus.

Novos padrões de consumo, novas formas de interação social (mais distância e menos toques entre pessoas), educação a distância, expansão do home office como forma de trabalho e transmissões on-line de espetáculos artísticos são alguns exemplos. A compreensão que temos da Covid-19 como ameaça natural externa (risco social exógeno) afetando as sociedades revela muito da vulnerabilidade e do potencial descontrole de uma pandemia em um mundo cada vez mais vigiado e controlado (FERRAZ, 2020, p. 277).

O crescimento do número de mortes em decorrência da Covid-19 tornou o mundo mais preocupado com a saúde e, assim, medidas de segurança como as citadas tiveram que ser adotadas. Entretanto, a pandemia evidenciou a importância do direito à saúde da população e como esse direito não é assegurado de forma correta pelo poder público.

Mas não só o descaso com a saúde foi escancarado. As diferenças entre as classes sociais⁴ no país se tornaram ainda mais visíveis. Enquanto uma parcela da população consegue se manter em casa e tinha acesso à informação, uma outra parte, por falta de recursos e de

¹ Coronavírus é o nome de uma família de vírus que tem estrutura em formato de coroa. Eles causam infecções respiratórias e já provocaram outras doenças. O novo coronavírus ganhou o nome de SARS-CoV-2, uma sigla para o nome completo em inglês "severe acute respiratory syndrome coronavirus 2".

² Nome dado a doença causada pelo novo coronavírus. Ela foi descoberta no mês de dezembro de 2019, na China. A primeira morte no mundo foi registrada no dia 9 de janeiro.

³ No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia da Covid-19. Isso porque, na época, o órgão alertou que o número de pacientes infectados, de mortes e de países atingidos aumentaria com o passar das semanas.

⁴ Na perspectiva marxista, classes sociais são atores políticos e forças sociais que são formadas a partir das relações capitalistas de produção.

orientação, não consegue se proteger contra o vírus. Pessoas mais pobres apresentam mais dificuldades de cumprir o isolamento social pela necessidade da busca de uma renda em um contexto de fragilidade do sistema de proteção social.

A pandemia escancarou ainda mais uma das grandes problemáticas do país, que é a desigualdade social, termo concebido por vários autores e que apresenta diversas concepções - sejam elas nas perspectivas tecnológica, social, econômica e entre outras -, sendo amplamente utilizado nesta pesquisa. Segundo Atkinson (2016), a desigualdade surge em diversas esferas da atividade humana, através de um poder político desproporcional. Ela está presente, principalmente, na estrutura socioeconômica da sociedade e a sua redução significaria uma análise sobre todos os aspectos da sociedade.

Diante disso, pode-se dizer que as condições de vida dessa classe trabalhadora retratam as desigualdades sociais da sociedade brasileira e iluminam o caráter multidimensional das vulnerabilidades que afetam a maioria da população das periferias das metrópoles e das regiões que concentram pobreza: a dificuldade em manter o isolamento social em face da necessidade de buscar renda num contexto de frágil sistema de proteção social⁵; as condições precárias de habitação e de saneamento; o acesso precário a serviços de saúde, as desigualdades raciais, e a baixa escolarização (ALMEIDA; LÜCHMANN; MARTELLI, 2020, p. 22).

É claro que a pandemia prejudica toda uma sociedade e que todas as pessoas se tornam vulneráveis ao vírus. Entretanto, Bardi et. al. (2020, p. 503) explicam que a população mais pobre, além de ser mais exposta no ponto de vista sanitário, é a mais atingida a longo prazo, “com a previsão do encurtamento das cadeias de abastecimento, do possível avanço das formas de produção menos intensivas em mão-de-obra (com enormes implicações para o emprego) e uma maior dependência de sistemas de produção artificial-inteligentes”.

Assim, com tantas problemáticas a serem cobradas e resolvidas, o jornalismo se torna ainda mais importante nesse contexto pandêmico. Isso porque uma das principais funções do jornalismo é dar visibilidade aos problemas enfrentados pela população em geral, pois, segundo Barata (1990, p. 385), “o papel preponderante dos meios de comunicação irá se revelar nas

⁵ Os brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia do Covid-19 foram contemplados com o auxílio emergencial – um benefício criado pelo Governo Federal em 2020. O auxílio emergencial começou a ser pago em abril do mesmo ano, um mês após o coronavírus se instalar no país. O pagamento foi feito de forma escalonada, de acordo com o mês de nascimento dos beneficiários.

situações coletivas, como as epidemias, quando a população se vê indistintamente ameaçada, isto é, a importância da imprensa, enquanto canal de informação/reivindicação”.

O jornalismo possui o papel não só de expor os problemas, mas também de cobrar medidas cabíveis para a resolução deles. Segundo Traquina (2005), um dos valores-notícias mais comuns é a infração, sendo ela da lei, de uma má gestão ou de um mau comportamento. “Assim, os autores atribuem ao jornalismo uma função de policiamento da sociedade, com particular atenção ao governo, em que o desvio e o crime mobilizam a atenção dos membros dessa comunidade interpretativa” (TRAQUINA, 2005, p. 76). Desse modo, conforme o autor, as notícias se tornaram um gênero e um serviço, o jornalismo tornou-se um negócio e um elo na teoria democrática; e os jornalistas se inseriram num processo de profissionalização que procura maior autonomia e estatuto social.

Contudo, o jornalismo possui o papel não só de publicizar problemáticas individuais ou coletivas, mas também temáticas que abarcam esses problemas, que assolam a sociedade como um todo e que geram prejuízos. O acesso à saúde de qualidade, a condições de trabalho minimamente dignas, por exemplo, são assuntos presentes no jornalismo e que, embora tratados separadamente, compõem um problema maior que é a desigualdade social. Nesse sentido, é necessária uma cobertura não só baseada em experiências humanas, mas também com reflexões acerca da temática causadora de todos esses problemas, que é a desigualdade social, através da explanação de estudos científicos, entrevistas com especialistas e cobrança ao poder público.

Dessa forma, a evidência ou o negligenciamento no jornalismo da temática desigualdade social pode ser crucial para a construção da realidade pandêmica na sociedade. O silenciamento desse assunto pode gerar um cenário despreocupado e, assim, refletir na demora ou a omissão de ações por parte do poder público para a resolução de problemas de natureza individual ou coletiva. A partir desse cenário, nota-se que um dos fatores que podem acarretar o negligenciamento ou não da temática é o enquadramento jornalístico, tido como um marco interpretativo, construído socialmente e que faz o público dar sentido a eventos e a demais situações sociais.

Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes de uma forma a ser comunicado no texto, de modo a promover uma definição de problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento. (ENTMAN, 1993, p. 52)

A construção do enquadramento ocorre em torno de uma pergunta principal: “o que está ocorrendo aqui?”. Nesse sentido, os jornalistas adquirem um papel importante para a compreensão do acontecimento de forma consciente ou inconsciente. Para Entman (1993), os profissionais são guiados por esquemas preliminarmente estruturados, que podem ser definidos como quadros, por presença ou ausência de determinadas palavras-chave ou frases- base.

Desse modo, abrem-se questionamentos acerca dos enquadramentos dados às notícias sobre a temática da desigualdade social no webjornalismo. É nesse sentido que o presente trabalho enxerga a necessidade de se debruçar sobre a cobertura deste período de pandemia e, assim, responder a seguinte pergunta: **quais os enquadramentos dados às reportagens sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*?** Ou seja, o estudo se alça como uma iniciativa de promover uma análise das reportagens dos portais de notícias *Folha de S. Paulo* e *Estadão* - websites de notícias online de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa (HERSCOVITZ, 2009, p. 2) – por meio da identificação dos enquadramentos dados às notícias sobre a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi analisar quais os enquadramentos dados às reportagens sobre a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 veiculadas nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Já os objetivos específicos foram traçados da seguinte forma: 1) promover uma revisão teórica sobre os pilares desta pesquisa – pandemia, desigualdade social, webjornalismo e enquadramento -, revisão esta que é realizada nos próximos três capítulos da dissertação; 2) observar, selecionar e categorizar as reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa – procedimentos que são feitos no quinto capítulo -; 3) verificar se as reportagens sobre a temática da desigualdade social coletadas evidenciaram ou não a problemática durante a pandemia – análise que também é encontrada no quinto capítulo.

Tomando como base a contextualização sobre o cenário em que a pandemia da Covid-19 é inserida, especialmente em relação ao Brasil, e considerando que qualquer produto jornalístico é influenciado por diversos fatores na hora de ser formado, como o enquadramento, a pesquisa apresenta duas hipóteses: 1) Devido às diversas temáticas a serem trabalhadas sobre a pandemia da Covid-19, como a quantidade de casos confirmados e óbitos, ocupação dos leitos e desemprego, materiais sobre a temática desigualdade social acabaram não tendo tanto destaque quanto outros assuntos explorados na mídia como o acesso à saúde e o desemprego

que, de certo modo, permeiam a desigualdade social, mas não tocam diretamente no assunto; 2) Além da pouca quantidade de webreportagens sobre a desigualdade social, esses produtos possuem, na maioria das vezes, a mesma abordagem: reflexões de especialistas sobre o tema. Há outras formas de trabalhar essa temática como, por exemplo, entrevistas com personagens de situações financeiras distintas, reportagens especiais sobre programas sociais e instituições que auxiliam na amenização das desigualdades durante a pandemia, uma retomada histórica deste problema no país, entre outros. Vale ressaltar que o retrato desta demanda no webjornalismo não é determinante para as suas resoluções por parte do poder público. Entretanto, elas podem facilitar o processo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado como referencial teórico os Estudos de Jornalismo, com ênfase em webjornalismo, e o enquadramento, que também foi usado como metodologia e técnica deste trabalho. O enquadramento foi abordado na perspectiva de Entman (1993), pois, segundo o autor, enquadrar significa selecionar alguns aspectos da realidade e torná-los mais salientes de uma forma a ser comunicado no texto. Vale ressaltar que esta pesquisa tem caráter quanti-qualitativo e, por este motivo, foram usadas técnicas das duas vertentes. Para a coleta de informações quantitativas sobre o corpus da pesquisa, foi utilizado o Iramuteq, um software gratuito que foi utilizado para identificar a quantidade e frequência média de palavras nas reportagens coletadas.

As matérias jornalísticas analisadas serão aquelas publicadas nos portais nacionais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Ambos os sites estão situados em São Paulo, provenientes de jornais impressos, pertencentes a empresas de alta credibilidade tanto no mercado quanto para o público e que estão entre os dez sites de notícias mais acessados do país.

O recorte temporal ocorreu em três momentos: o primeiro na segunda quinzena de março de 2020, início da pandemia da Covid-19 no país e, consequentemente, das adoções de medidas restritivas para conter o avanço do novo coronavírus; o segundo na segunda quinzena de março de 2021, período em que ocorreu um novo aumento no número de casos da doença e mortes voltaram a subir somados ao colapso no sistema de saúde em algumas regiões do Brasil e ao surgimento de novas variantes do novo coronavírus, como a gama e delta; e o terceiro na segunda quinzena de março de 2022, quando a população adulta já completou o esquema de vacinação contra a doença, mas os casos positivados, mortes e internações devido à Covid-19 voltam a subir. Ao todo, foram coletadas 13 reportagens.

Antes da apresentação da análise dessas reportagens, foi necessário um embasamento teórico acerca dos três pilares desta pesquisa: desigualdade social, webjornalismo e enquadramento. No capítulo 2, é feita uma retrospectiva da pandemia da Covid-19 de 2020 em diante, desde o surgimento do vírus até a efetivação da campanha de vacinação culminando na amenização da doença no país. Em seguida, a desigualdade social é conceituada. Por fim, é exposto como a desigualdade social se configura no país e como ela foi intensificada durante a pandemia. São utilizados diversos autores para embasar teoricamente as questões abordadas neste capítulo como Moares (2021), Freitas (2022), Piketty (2015), Atkinson (2016) e Godinho (2011).

No capítulo seguinte, são abordadas questões ligadas ao webjornalismo. Inicialmente, é feita uma discussão sobre internet e apropriação social. Depois, é discutido o conceito, as contribuições, as consequências e as características do webjornalismo para, por fim, ser feita uma análise sobre esta área do jornalismo durante a pandemia da Covid-19. Essas discussões têm como aporte teórico Wolton (2022), Mielniczuk (2003), Bitencourt, Berneleau e Bratti (2020).

No capítulo 4, é discutido a metodologia desta pesquisa: o enquadramento. Primeiramente, são apresentados os principais conceitos e autores que norteiam a vertente. Em seguida, é relacionado o enquadramento com o jornalismo. Percebe-se que o enquadramento atravessa o fazer jornalístico e se entrelaça com algumas teorias da área. Também são abordados neste capítulo as aplicações do enquadramento em pesquisas de comunicação. São vários os autores utilizados neste capítulo como Entman (1993), Matthes e Kohring (2008), Gonçalves (2011), Reese (2001) e Carvalho (2000).

Na análise, são detalhados os observáveis da pesquisa - Folha de S. Paulo e Estadão -, o corpus, os procedimentos metodológicos, passando para os resultados e discussões. Em seguida, são apresentados os enquadramentos encontrados nas reportagens analisadas. Por fim, as considerações finais.

2. DESIGUALDADE SOCIAL E SUA INTENSIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Nesses mais de dois anos, a pandemia da Covid-19 passou por diversas fases. Por isso, faz-se necessário realizar uma contextualização desse período e identificar em qual momento as matérias sobre a temática desigualdade social colhidas dos observáveis estão inseridas. Na primeira parte deste capítulo serão abordados o surgimento do coronavírus, a sua disseminação pelo mundo e suas implicações na vida das pessoas. Em seguida, serão explanadas as ‘ondas’ da Covid-19, caracterizadas por períodos de maior incidência de casos e mortes da doença.

Neste capítulo também serão abordados os conceitos e apontamentos que envolvem a desigualdade social, que também é um dos pilares desta pesquisa e uma das principais problemáticas do país. Logo depois, será apresentado como a desigualdade social se desencadeou durante a pandemia e como ela foi crucial para o agravamento da Covid-19, principalmente entre a população mais vulnerável economicamente.

2. 1 SURGIMENTO DO VÍRUS E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

A população mundial vem passando por um momento atípico, que será para sempre lembrado pela humanidade. As sociedades ocidentais e orientais se viram na obrigação de mudar suas rotinas, seus hábitos, suas tradições, após o surgimento de uma nova cepa do coronavírus, denominada SARS-CoV-2, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China.

Tudo começou em 31 de dezembro de 2019, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade chinesa. Uma semana depois, no dia 7 de janeiro de 2020, as autoridades da China confirmaram a existência de uma nova cepa do coronavírus. No mesmo mês, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública e Importância Internacional (ESPII), que é o mais alto nível de alerta da organização. Trata-se da sexta vez na história da organização que uma ESPII é declarada (OPAS, 2020).

Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. A designação serviu para reconhecer que, naquele momento, existiam surtos da doença em diversas regiões do mundo. Por isso, o termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade (OPAS, 2020). Nesta data, a doença já havia chegado no Brasil. O primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus foi registrado no dia 26 de fevereiro

de 2020. Tratou-se de um homem de 61 anos que esteve na Itália a trabalho, país que, na época, vivia uma explosão de casos da Covid-19.

Em março do mesmo ano foi declarada a transmissão comunitária no Brasil, que é quando um paciente infectado que não esteve nos países com registro da doença transmite a doença para outra pessoa, e registrada a primeira morte pela doença. A primeira brasileira vítima da Covid-19 foi uma mulher de 57 anos, residente do Estado de São Paulo. O óbito ocorreu no dia 11 de março e foi confirmado por exames laboratoriais.

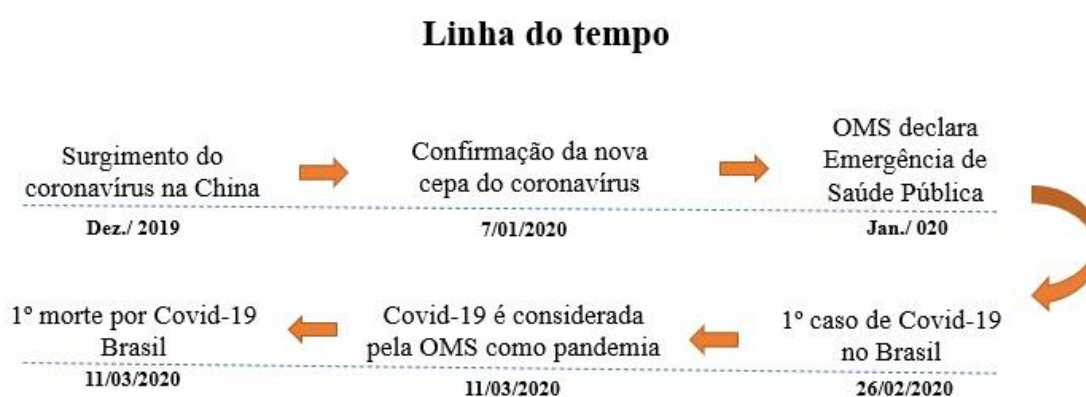


Figura 1: linha do tempo da pandemia Covid-19. Fonte: OMS, Ministério da Saúde, g1.

Para evitar a disseminação do novo coronavírus, o poder público passou a adotar medidas restritivas como fechamento do comércio, uso obrigatório de máscara, distanciamento social, suspensão das aulas presenciais, toque de recolher e entre outras. A partir disso, iniciaram os atritos entre o Governo Federal, os estados e municípios. As falas negacionistas do então presidente da República Jair Messias Bolsonaro (PL) sobre a pandemia da Covid-19 como, por exemplo, as proferidas no primeiro pronunciamento oficial sobre a doença em 24 de março de 2020, em que o gestor comparou à Covid-19 com um ‘resfriadinho’ ou ‘gripezinha’, fizeram com que os governos estaduais e municipais tomassem, por conta própria, medidas para conter o avanço do vírus.

A tentativa de evitar o agravamento da pandemia da Covid-19 por parte dos estados e municípios chegou ao Poder Judiciário que, em abril do mesmo ano, através do Supremo Tribunal Federal (STF), reconheceu também a competência dos governos estaduais e federais

no combate à doença, não afastando as responsabilidades do Governo Federal perante à pandemia.

Nesse sentido, as medidas sanitárias, bem como as econômicas, foram adotadas ao longo desses dois anos para evitar o agravamento da pandemia da Covid-19, sendo amenizadas somente agora, quando 80,35% da população brasileira já recebeu as duas doses ou dose única da vacina contra a doença (g1, 2022). Entretanto, ao longo desse período, a transmissão do coronavírus atingiu picos, o que fez com que medidas que haviam sido extintas, voltassem a ser adotadas.

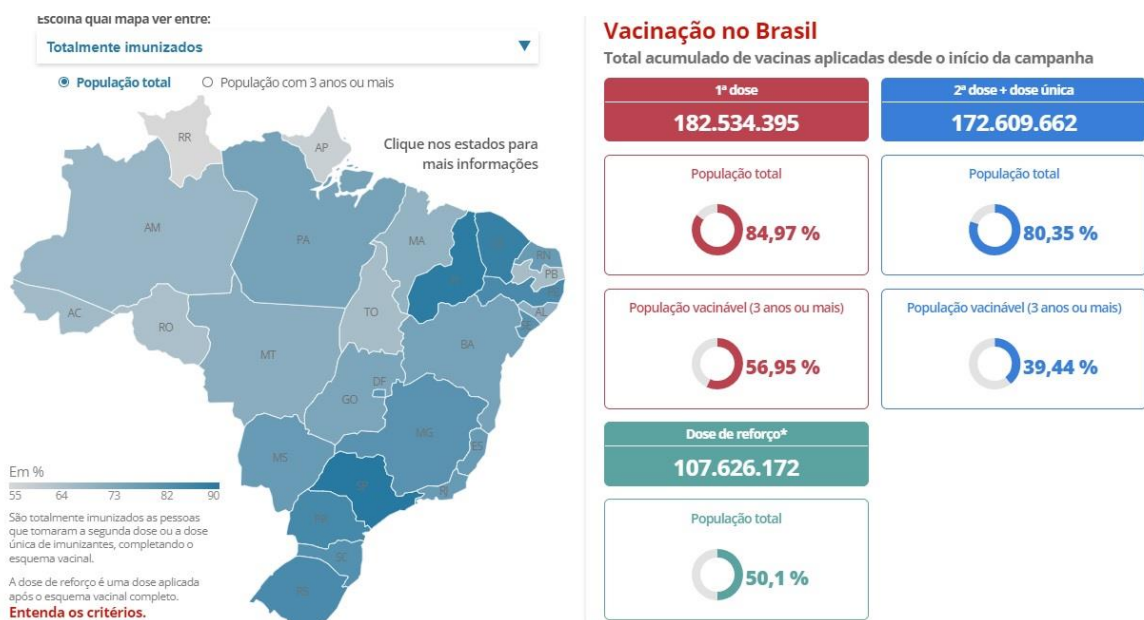


Figura 2: Mapa da vacinação contra a Covid-19 do Portal g1 atualizado em 3 de janeiro de 2023.

Trata-se de uma dinâmica que ocorreu em todo o planeta, visto que a pandemia apresentou as chamadas “ondas”, com o aumento repentino de casos e mortes por Covid-19 e, em seguida, a diminuição. No próximo tópico, essas fases da pandemia serão abordadas de forma mais aprofundada.

2.2 AS ONDAS DA COVID-19 ATÉ A CHEGADA DO “FIM”

A descentralização da adoção de medidas no país, ocasionada pela omissão do Governo Federal e a intervenção dos estados, dificultou o acompanhamento da pandemia e a medição do seu grau de rigor das normas. Isso refletiu no número de mortes e casos de Covid-19 e, consequentemente, na constituição da primeira e segunda onda da doença no Brasil. Embora não haja um consenso entre os pesquisadores sobre o início e término de cada onda, neste

trabalho utilizaremos a percepção do estudioso José Eduardo Levi, da Universidade de São Paulo (USP), que o surgimento de uma onda caracteriza-se quando uma região apresenta um ritmo de aumento progressivo de casos.

Nesta proposta, entende-se que ocorre um crescimento nos índices da doença até que seja atingido um pico. Em seguida, os números permanecem em estabilização por um determinado tempo, que é o chamado platô, e então, inicia a diminuição dos casos, que é a indicação do final da onda. A partir dessa ideia, acredita-se que, no Brasil, houvera, até o momento, o registro de três ondas.

Inicialmente, conforme Freitas (2022), houve a expansão da transmissão do novo coronavírus das capitais para as cidades menores. Trata-se da introdução do vírus e a detecção do aumento de casos que ocorreram nas primeiras semanas epidemiológicas de 2020, sendo mais frequentes os casos em pessoas acima de 60 anos. Apesar da adesão inicial da população ao distanciamento social, houve um gradativo declínio desta estratégia que foi desqualificada como medida fundamental de redução da exposição e proteção coletiva. Neste primeiro momento, os profissionais de saúde sofreram grandes impactos como a sobrecarga de trabalho e dificuldades no manejo da doença.

Contribuiu para isto a ausência de campanhas governamentais de incentivo coordenadas e articuladas em todos níveis (federal, estadual e municipal), e de combate as denominadas fakenews. Assim, já nesta fase, observava-se grandes filas de espera para internação em UTI e elevada ocorrência de óbitos por falta de acesso, ou acesso tardio aos cuidados de alta complexidade. Isto ocorreu mesmo após uma expansão acentuada no número de leitos de UTI SRAG/Covid-19, incluindo a abertura de diversos hospitais de campanha no país. (FREITAS, 2022, p. 2).

Entre junho e agosto de 2020, houve a estabilização dos indicadores de transmissão. Foi um período caracterizado por um alto patamar na mortalidade, com cerca de mil óbitos diários. Tratava-se da primeira onda e, conseqüentemente, da expansão autossustentada por meio da transmissão comunitária. De acordo com Mendes (2020), uma “onda” é controlada através de estratégias de mitigação e supressão. Conforme Landim (2020), uma política de supressão consiste em adotar medidas para reduzir a taxa de reprodução média a um valor inferior a um, enquanto que uma política de mitigação consiste em reduzi-la a valores próximos, entretanto maiores, do que 1.

Entre setembro e novembro de 2020, período de transição entre a primeira e a segunda onda, segundo Freitas (2022), houve uma relativa redução do número de casos e de óbitos com vários governos estaduais e municipais adotando medidas isoladas para combater o novo

coronavírus. No mês de novembro, os casos voltaram a crescer e isso impactou as taxas de ocupação de leitos de UTI. Entre dezembro de 2020 e junho de 2021, ocorreu a segunda onda da Covid-19. Conforme o Instituto Butantan, a segunda onda foi marcada pelo colapso no sistema de saúde em algumas regiões do Brasil e o surgimento de novas variantes do novo coronavírus, como a gama e delta.

Os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021 foram marcados por taxas críticas de ocupação de leitos de UTI para adultos no SUS, principalmente em estados das regiões Norte e Sul. O estado do Amazonas, onde as medidas de restrição à mobilidade foram fortemente atacadas no mês de dezembro de 2020, com a organização de manifestações contrárias, sofreu um novo colapso do sistema de saúde, com pacientes morrendo sem acesso aos cuidados necessários e, mesmo quando hospitalizados, por falta de oxigênio. A crise no Amazonas foi um prenúncio da crise e colapso do sistema de saúde que se espalharia por todo país, detectado logo no início de março, quando dezoito estados se encontravam na zona de alerta crítico e sete na zona de alerta intermediário do indicador referente à taxa de ocupação de leitos UTI SRAG/Covid-19 para adultos no SUS. (FREITAS, 2022, p. 2).



Figura 3: gráfico da Associação Médica Brasileira que representa a extensão entre a primeira e segunda onda da Covid-19 no país.

Entre os meses de julho e novembro de 2021, ocorreu a redução do número de casos graves e mortalidade da Covid-19, com consequentemente alívio do sistema de saúde. Pôde-se observar a efetividade da vacinação na redução da transmissão e, especialmente, da gravidade dos casos com a queda das taxas de ocupação de leitos de UTI da doença para adultos. Contudo, em fevereiro de 2022, em meio a um novo aumento de casos, óbitos e internações por Covid-19, foi detectada pela primeira vez no país a ômicron, nova variante do novo coronavírus. Este momento foi considerado por especialistas como a terceira onda da pandemia, embora não apresente a mesma gravidade que os outros períodos da pandemia obtiveram. Esta nova variante, conforme o Butantan (2022), se reproduz com muito mais rapidez do que a variante

delta e que a chance de transmissão da ômicron em ambiente domiciliar é ainda maior que as outras cepas.

Mesmo com a chegada da ômicron, 2022 foi um ano marcado pela queda significativa – de mais de 80% - da média móvel de casos e óbitos da Covid-19. Em abril, o Ministério da Saúde declarou o fim da “Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)”, causada pela pandemia da Covid-19 no Brasil. Assim, o país foi voltando à normalidade, com a retomada de atividades inteiramente presenciais. Um grande marco no retorno da vida como era antes foi o carnaval realizado em abril em diversas cidades do país. No Rio de Janeiro, por exemplo, o tradicional desfile das escolas de samba ocorreu entre os dias 20 e 23 de abril de 2022 e reuniu milhares de espectadores que, dois anos depois, puderam sentir novamente a sensação de estar na Sapucaí. Na virada do ano de 2022 para 2023, a capital carioca, como em outras cidades brasileiras, voltou a ser palco de shows após ter o réveillon suspenso por dois anos seguidos devido à pandemia.

2. 3 DESIGUALDADE SOCIAL: O QUE É?

Assim como a Covid-19, a desigualdade social também é um dos pilares desta pesquisa. Para que possamos entender como a desigualdade social foi abordada durante a pandemia no webjornalismo, é necessária a compreensão dos principais conceitos e apontamentos que envolvem a desigualdade social e como este problema está inserido no Brasil. Jean-Jacques Rousseau (1975) explica que há dois tipos de desigualdade na espécie humana: a natural ou física – que consiste na diferença de idades, saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito – e a moral e política – que depende de uma convenção estabelecida ou pelo menos autorizada pelo consentimento dos homens. Esta última se refere aos privilégios desproporcionais, como alguns indivíduos que são mais ricos, mais poderosos que outros e, por isso, os sem esses privilégios obedecem àqueles que têm.

Para o autor, privilégio é uma das palavras-chaves que definem desigualdade social, uma problemática atemporal e global. Os privilégios dos mais ricos sobre os mais pobres pode ser percebido, por exemplo, no estudo divulgado em dezembro de 2021 pelo World Inequality Lab (Laboratório das Desigualdades Mundiais), que integra a Escola de Economia de Paris e é codirigido pelo economista francês Thomas Piketty. Esta pesquisa revelou que o Brasil é um dos países com maior desigualdade social e de renda do mundo (g1, 2021). O trabalho mostra

que 10% mais ricos no Brasil sempre ganharam mais da metade da renda nacional e que 50% dos mais pobres, atualmente, ganham 29 vezes menos que os 10% mais ricos.

Portanto, não há dúvidas que a desigualdade, em seu aspecto socioeconômico, é crucial para a existência de diferenças nas condições de vida entre as pessoas. Os mais ricos possuem melhores moradia, assistência médica, lazer e ainda maiores expectativas de vida que os grupos mais vulneráveis economicamente.

Cada consumidor deve contar com determinado estado da oferta, ou seja, com as possibilidades objetivadas – bens, serviços ou esquemas de ação, etc. – cuja apropriação é um dos pretextos das lutas entre as classes e que, pelo fato de sua associação provável a classes ou frações de classes, são automaticamente classificadas e classificadoras, hierarquizadas e hierarquizantes. (BOURDIEU, 2007, p. 210).

De acordo com Piketty (2015), existe um conflito político contemporâneo no que concerne à desigualdade social que é ‘esquerda’ versus ‘direita’. Segundo o autor, a tensão entre essas duas vertentes se dá em decorrência das discordâncias quanto à forma e à adequação de uma ação pública de redistribuição a partir das análises antagônicas dos mecanismos econômicos e sociais que produzem a desigualdade. O conflito se intensificou quando a ‘esquerda’ passou a defender a adoção de uma renda mínima de cidadania, concedida a todas as pessoas, financiada pelos impostos e que não interferisse diretamente no funcionamento do mercado. Desse modo, Piketty (2015, p. 10) afirma que “só uma análise minuciosa dos mecanismos socioeconômicos que produzem a desigualdade é capaz de definir a parcela de verdade dessas duas visões extremas da redistribuição e talvez contribuir para a instauração de uma redistribuição mais justa e eficiente”.

Contudo, conforme Costa (2019), há outros dois tipos de desigualdade que são desconsiderados, mas que são cruciais para determinar as distâncias nas condições de vida dos diferentes grupos sociais: as assimetrias de poder e as desigualdades socioecológicas. Segundo o autor, as **desigualdades de poder** tratam-se das diferentes possibilidades que indivíduos ou grupos têm de exercer influência nas decisões que afetam suas trajetórias ou convicções pessoais, além de interferir na distribuição dos direitos políticos e sociais. Já as **desigualdades socioecológicas** referem-se às diferenças de acesso a bens ambientais como água potável, ar limpo, e às possibilidades para a proteção contra riscos ambientais como, por exemplo, a poluição e a irradiação.

Atkinson (2016) pontua que a desigualdade está presente em muitas esferas da atividade humana à medida que as pessoas têm poderes políticos desiguais e são desiguais perante a lei. Nesse sentido, o autor defende que a natureza dos objetivos e a relação deles com os valores sociais precisam ser esclarecidas para que, assim, possam ser buscadas soluções que combatam ou, ao menos, amenizem o problema. Nesta pesquisa, é abordada a desigualdade social, com ênfase no aspecto econômico. No próximo tópico será apresentado o retrato da desigualdade social no Brasil e como essa problemática foi intensificada durante a pandemia da Covid-19.

2.4 DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL E SUA INTENSIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA

A desigualdade pode ser concebida, segundo Martins (2020), como parte da estrutura do capitalismo, um sistema econômico que descarta e incorpora características da sociedade de classes. Quando se pensa em desigualdade em seu aspecto econômico, uma outra problemática surge: a pobreza. Godinho (2011) explica que a pobreza é entendida como a privação ou ausência das necessidades básicas. A mais grave, sem dúvidas, é a fome, que é quando o indivíduo não possui recursos que o possibilitem de se alimentar. Mas há outras formas de privação como a de condições materiais ou ao acesso mínimo à saúde, educação, saneamento, habitação, entre outras. No Brasil, a pobreza é resultado de uma estrutura de desigualdades sociais historicamente presente no país.

Devemos lembrar que a pobreza é um processo resultante entre outras coisas de uma estrutura de desigualdades sociais historicamente presente na realidade brasileira, o que nos remete a nossa trajetória de construção da civilidade, da cidadania, da economia nacional, das relações de poder, enquanto responsabilidades legais e institucionais que resultaram nas atuais relações sociais e de trabalho, no trato com o que é coletivo, na capacidade de mobilização e luta da população, nas diferenças sociais, na cultura política que temos, na ausência de políticas públicas decentes, enfim em diversos fatores e situações que vivenciamos. (GODINHO, 2011, p. 3).

Está claro que um dos grandes problemas a ser resolvido no país é a desigualdade social que acabou se intensificando durante a pandemia da Covid-19. O coronavírus não poupou vidas ricas ou pobres, mas o que pode ser percebido é que as pessoas com acesso a um atendimento médico de qualidade, com possibilidade de se manter em casa e seguir as orientações das autoridades de saúde, além de outros fatores que proporcionam uma melhor qualidade de vida, tiveram mais chances para vencer a doença.

Isso pôde ser comprovado em um estudo realizado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2020, que apontou que a população mais pobre do Brasil tem duas vezes mais chances de ter sido infectada pela Covid-19 do que a população mais rica. Os indígenas, por exemplo, conforme a pesquisa, por conta da pobreza, também têm mais chances de serem infectados. Foram realizados testes sorológicos em cerca de 30 mil pessoas em 133 cidades do país, em todos os estados, que constataram que os 20% mais pobres da população tiveram o dobro de risco de contaminação que os 20% mais ricos. Ou seja, mesmo que a Covid-19 tenha atingido, primeiro, as pessoas de camadas sociais mais altas, o impacto da doença nas comunidades e periferias é maior e mais intenso devido às condições de vida dessas pessoas.

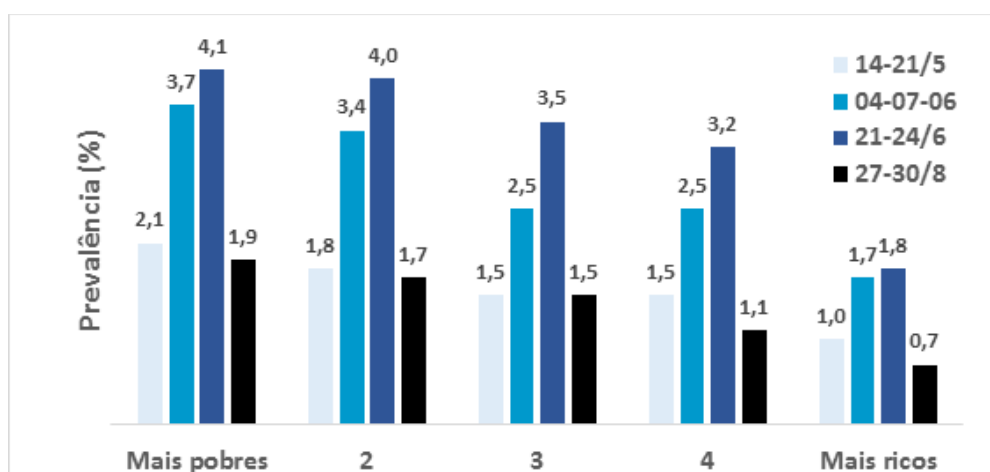


Figura 4: pesquisa da UFPel revela que 20% mais pobres da população tiveram o dobro de risco de contaminação que os 20% mais ricos.

Outros dados importantes a serem apresentados são os do relatório da Oxfam Brasil divulgado em 2022 ano sobre desigualdade. Segundo o documento, na pandemia, a riqueza bilionária teve seu maior aumento de todos os tempos e, agora, atingiu seu nível mais alto. A riqueza dos dez homens mais ricos dobrou, enquanto a renda de 99% da humanidade decaiu em razão da Covid-19.

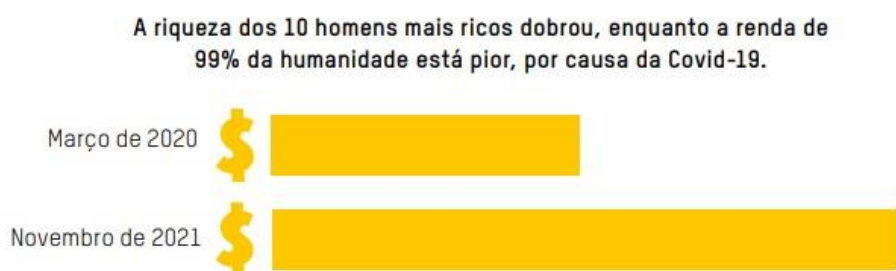


Figura 5: gráfico da Oxfam Brasil mostra que a riqueza dos 10 homens mais ricos do mundo dobrou, enquanto a renda de 99% da humanidade está pior por causa da Covid-19.

Além disso, quando a crise do novo coronavírus iniciou, quase metade da população no planeta – 3,2 bilhões de pessoas – vivia abaixo da linha da pobreza do Banco Mundial de US\$ 5,50 por dia. Atualmente, de acordo com o relatório da Oxfam Brasil, estima-se que há 163 milhões de pessoas a mais vivendo com menos de US\$ por dia.

Assim, o que se vive, na prática, sobretudo nos países de economia dependente como o Brasil, é “a pandemia dos ricos e a pandemia dos pobres”, onde aqueles que têm domínio sobre os meios de produção atravessam a tempestade com menos sacrifícios e de forma mais protegida do que aqueles que vivem da venda precarizada e informal da sua força de trabalho – os pobres, para os quais a pandemia é mais um elemento em meio aos riscos e as dores cotidianas. (BARDI et. al., 2020, p. 501)

Com a disparidade de renda entre as classes, aqueles mais vulneráveis economicamente tiveram mais dificuldade em cumprir as medidas para se proteger do novo coronavírus. A recomendação era ficar em casa, lavar as mãos, usar máscaras, mas, como pontua Santos, Rego e Palacios (2021), nem todas as pessoas viveram o privilégio do distanciamento social. Muitos indivíduos não experimentaram a oportunidade do trabalho remoto e nem sequer possuíam água potável para lavar as mãos. Bardi et.al. (2020) destaca que, para os grupos menos abastados, “ficar em casa” é sinônimo de morrer de fome e sair para trabalhar é colocar-se e aos outros em risco. Eis a grande contradição da população mais pobre durante a pandemia.

A Covid-19 desvela e explicita ainda mais esse padrão, com a demarcação de classe, raça, gênero e outros operadores de precariedade de vidas humanas. Para além do dramático impacto no número de casos e óbitos por Covid-19 ao longo de todo o ano de 2020, o curso da pandemia no Brasil recolocou em evidência o uso do termo vulnerabilidade para identificar determinados segmentos populacionais diante da crise sanitária, tomando-o muitas vezes como característica intrínseca e essencializada dos sujeitos. (LIMA, 2021, p. 111).

A desigualdade também foi um fator determinante nos índices de mortalidade por Covid-19. De acordo com o relatório da Oxfam Brasil, no país, os negros – população mais afetada pela desigualdade social - são 1,5 vezes mais propensos a morrer de Covid-19 do que os brancos. Segundo Lima (2021, p. 120), a pobreza “é um dos mais importantes determinantes sociais de doença e mortalidade; as características de transmissão, o acesso a insumos e cuidados, os desfechos dos casos e as chances de sobreviver são tão díspares que parece estarmos diante de duas doenças, com histórias naturais diferentes”. O autor ressalta que a pobreza se tornou um fator determinante na disseminação de doenças e, assim, acaba reproduzindo mais e mais pobreza.

De acordo com a Oxfam (2022), a pandemia da Covid-19 tornou-se ainda mais prejudicial devido à desigualdade social. Com base nos dados apresentados pela instituição, a desigualdade de renda é um indicador mais assertivo para saber se o indivíduo irá morrer da doença do que a idade. Segundo a Oxfam (2022, p. 12), “a desigualdade extrema é uma forma de ‘violência econômica’ pela qual políticas estruturais e sistêmicas e escolhas políticas que são enviesadas em favor dos mais ricos e poderosos resultam em danos diretos à grande maioria das pessoas comuns no mundo todo”.

Portanto, combater a desigualdade social no país deve – ou deveria ser – uma prioridade para os governos, com a adoção de políticas integradas, com políticas de proteção social integradas às políticas econômicas, que assegurem as condições mínimas para o desenvolvimento (GODINHO, 2011). A proteção social é uma estratégia que pode ser aplicada para valorizar o ser humano e institucionalizar as políticas sociais.

3. WEBJORNALISMO E SUA ATUAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19

Neste capítulo serão abordadas questões ligadas a outro pilar importante desta pesquisa: o webjornalismo. Inicialmente, será feita uma breve discussão sobre internet e apropriação social tecnológica, temas que precisam ser refletidos para a compreensão mais clara e objetiva do webjornalismo. Em seguida, serão tratados os principais conceitos desta área, suas características, suas contribuições e consequências no âmbito do jornalismo. Por fim, serão apresentadas as influências da pandemia no webjornalismo, à medida em que esta área registrou um aumento na audiência, intensificou a produção de notícias e passou a utilizar mais o jornalismo de dados.

3. 1 INTERNET E APROPRIAÇÃO SOCIAL TECNOLÓGICA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA PARA COMPREENDER O WEBJORNALISMO

É importante apresentar alguns apontamentos sobre a tecnologia em que o webjornalismo se constituiu, a internet. O trabalho de observar os desafios, obstáculos e consequências da internet, além de analisar a forma como ela foi apropriada pela sociedade, serve para gerar uma reflexão também sobre as práticas comunicacionais – sobretudo jornalísticas - na web, de tal maneira que elas aconteçam da forma mais adequada possível.

A chegada da internet gerou grandes transformações na vida dos indivíduos. Como toda tecnologia, a sua introdução na sociedade contribuiu para a transformação das práticas comunicacionais vigentes e para a criação de outras. A internet, por exemplo, é responsável por descentralizar a produção de diferentes produtos comunicacionais e por armazenar grandes quantidades de informações que podem ser tratadas. Além disso, conforme Teixeira, Mineiro e Soares Jr. (2022), a conexão em rede estabeleceu novos desafios para as empresas de comunicação ao colocar a informatização como a principal fonte de vitalidade. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), divulgada em setembro de 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, 28,2 milhões de pessoas no país não usaram a internet. Isso representa 15,3% da população com mais de 10 anos de idade. Segundo o levantamento, a internet foi usada por 84,7% da população brasileira com mais de 10 anos, ou seja, por 155, 7 milhões de pessoas.

No Piauí, segundo a mesma pesquisa, oito em cada dez domicílios usaram internet em 2021. A acessibilidade à internet aumentou nos últimos anos, visto que, em 2016, somente metade das residências do estado possuía acesso à grande rede. A Pnad divulgou que 695 mil

residências usaram internet em 2019 e 833 mil em 2021, ou seja, o crescimento no uso de internet foi de 12,4 pontos percentuais no período, o maior já registrado desde o ano de 2016. O crescimento foi o segundo maior do país. O maior foi registrado no Maranhão, que foi de 13,7%. A pesquisa também revelou que, no Piauí, o principal motivo apontado para a não utilização da internet em 2021 foi que o serviço era caro. O segundo maior motivo apontado foi que nenhum morador da residência sabia usar a internet.

Deixando de lado o aspecto técnico, a tecnologia não deve ser vista apenas pelo seu aspecto técnico, mas também pelo seu lado social. De acordo com Álvaro Vieira Pinto (2005), é necessária uma visão social, cultural, política, econômica e também tecnológica. Os efeitos do digital, que engloba o Webjornalismo, dependem das diversas formas de sua apropriação pela sociedade.

De acordo com Wolton (2022), a revolução da informação e da comunicação mudou bruscamente os séculos XX e XXI, tanto no plano individual, como nos planos social, político e cultural. Há um volume incontável de informações que circulam cada vez mais facilmente, comprovando a onipresença da comunicação devido à velocidade e desempenho das interações que são acentuados pelas técnicas. Mas Wolton (2022) ressalta que a comunicação tem o papel de gerenciar diferentes lógicas: o emissor, o mensageiro, o receptor, escolhas culturais e ideológicas, além do contexto. Quanto mais informação houver, mais complicada se torna a comunicação. Por este motivo, Wolton (2022) ressalta que, em uma concepção original da comunicação, é preciso negociar constantemente um com o outro, e não impor uma visão de mundo. Uma comunicação que aceita a incompreensão e procura negociar a fim de conseguir a convivência.

Wolton (2022) pontua que, apesar do “progresso” técnico, a comunicação humana continua difícil. E, embora exista limites, a comunicação humana continua sendo mais eficaz que a tecnológica. Portanto, reabilitar a comunicação humana significa, segundo o autor, reabilitar o papel humano na política e reduzir o papel do desempenho técnico.

Desse modo, Wolton (2012) afirma que não é possível a garantia da liberdade de comunicação sem que haja alguma forma de regulamentação e alerta para a preocupação da ausência completa de leis que especifiquem que o uso da internet pode favorecer a lógica do mercado e das relações econômicas. No Brasil, por exemplo, somente em fevereiro de 2022 a proteção de dados pessoais passou a ser um direito fundamental ao ser humano.

Desse modo, as tecnologias devem ser compreendidas em sua complexa interação com os indivíduos e com as instituições, sobretudo quando se refere à produção de informação. Isso porque um dos motivos pelos quais as tecnologias são apropriadas socialmente, tão logo pelos indivíduos, é devido ao seu caráter informacional. Tal afirmação pode ser comprovada por Burke e Briggs (2004, p. 188), que mostram a informação como algo fundamental desde os séculos passados ao dizerem que “a importância da informação já era claramente apreciada em alguns círculos (políticos e científicos) no século XVII, mas foi ressaltada ainda mais na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando as noções de velocidade e distância sofreram transformações”.

A inserção de novas tecnologias reflete em um desenvolvimento social, político e/ou tecnológico da sociedade. E se há desenvolvimento, há transformações no jornalismo, sejam elas favoráveis ou não. Para Teixeira, Mineiro e Soares Jr. (2022, p. 24), por exemplo, em relação ao meio digital, “as relações sociais transformadas pela navegação tecnológica tornaram férteis de conteúdos digitais por meio do diálogo entre a notícia e a nova interface dos meios de comunicação”. Por isso, a apropriação social das tecnologias causa mudanças nos códigos e operações jornalísticas. Pode-se afirmar que o webjornalismo é resultado de uma das diversas alterações que o jornalismo sofreu e sofre até os dias atuais, não só no aspecto tecnicista, mas também devido ao contexto social contemporâneo.

Assim, esta pesquisa se desenvolve em um momento que as referidas tecnologias sofreram novas adaptações, que foi no contexto pandêmico, e, por este motivo, fez-se necessária uma discussão sobre internet e apropriação social das tecnologias à medida que as tecnologias foram essenciais, mesmo que de forma limitada, no combate ao coronavírus, tanto no aspecto sanitário, social e informacional.

3.2 WEBJORNALISMO: DEFINIÇÃO, CONTRIBUIÇÕES, CONSEQUÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS

É importante pontuar que o webjornalismo é desenvolvido em uma parte específica da internet, a “World Wide Web”, também conhecida apenas por web. Trata-se de um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na internet. Os conteúdos disponibilizados na web podem ser visualizados através de navegadores como o Google Chrome, Mozilla, Safari, Internet Explorer e entre outros.

Isso porque, conforme Mielniczuk (2003, p. 26), “a internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de internet”. A web disponibiliza interfaces gráficas que agradam a sociedade e, por isso, os seus conteúdos se tornaram mais populares.

Em meados dos anos 90 do século XX, com o desenvolvimento da web, as tecnologias que envolvem a Internet passam a ser acessíveis tanto econômica quanto tecnicamente para a sociedade em geral. Em decorrência, ocorre a utilização em larga escala desse ambiente para usos jornalísticos, sendo que, são as versões digitais de jornais já existentes no suporte papel que se tornam mais visíveis diante do público leigo (MIELNICZUK, 2003, p. 20).

Desse modo, exclui-se nesta dissertação denominações semelhantes como jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo ou jornalismo on-line, pois compactua-se com o propósito de Mielniczuk (2003, p. 24) de sistematizar de tal forma que privilegia os meios tecnológicos, “através dos quais as informações são trabalhadas, como fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística, seja na instância da produção ou na da disseminação de informações jornalísticas”.

O webjornalismo gerou diversas mudanças na sociedade, principalmente em relação à forma de consumo de informação. Essas transformações são inerentes a qualquer processo de inovação, seja na área comunicacional ou não. Neste subtópico, serão apresentadas as consequências e contribuições do jornalismo feito na e para a web, assim como na *Folha de S. Paulo* e no *Estadão*, dois portais de notícias que compõem o corpus desta pesquisa.

Como será exposto de forma mais aprofundada posteriormente, uma das particularidades do webjornalismo é a ubiquidade, ou seja, a capacidade do jornalismo estar em todos os lugares. Por este motivo, Hjarvard (2012) afirma que a sociedade está permeada de mídia e que não é mais possível tratá-la como algo separado das instituições culturais e sociais. Essa onipresença da mídia se dá, principalmente, devido às apropriações de tecnologias que as possibilitam estarem em todos os lugares. Essas tecnologias são adotadas espontaneamente ou impostas pela sociedade ao jornalismo e, segundo Rivera e Rogel (2020, p. 158), “ou o jornalista apreende rapidamente os recursos das tecnologias (sim tecnologias, pois não podemos falar de tecnologia, são inúmeras) ou não consegue cumprir com a responsabilidade social de sua atividade”.

Para além disto, é preciso analisar as mudanças sofridas pelas instituições e nos processos culturais.

A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. A dualidade desta relação estrutural estabelece uma série de pré-requisitos de como os meios de comunicação, em determinadas situações, são usados e percebidos pelos emissores e receptores, afetando, desta forma, as relações entre as pessoas. (HJARVARD, 2012 p. 55).

Deste modo, considera-se que o webjornalismo passou a promover rupturas nos processos jornalísticos, não só no fazer jornalístico, mas na construção de novos valores, princípios, códigos que o jornalismo de Web proporcionou à sociedade, que já os incorporou. Um deles seria a busca incessante por informação nos tempos atuais. Para Barbosa (2001), essa é a principal razão que faz com que as pessoas acessem a rede e isso faz com que se crie novos parâmetros e se potencialize as características jornalísticas para a produção, redação, edição e publicação da notícia.

A necessidade do público de obter informação o mais rápido possível foi notada pelas empresas de jornalismo que passaram a investir em portais de notícia - websites de notícias online de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa (HERSCOVITZ, 2009, p. 2). A *Folha de S. Paulo* e o *Estadão* são exemplos desses esforços empresariais para ocupar espaços na web. Ambos os portais são de empresas consagradas no jornalismo impresso e que viram na internet a possibilidade de expandir seus negócios e, paralelo a isso, atender às novas demandas do público.

Os portais de notícias agem como uma espécie de gatekeeping⁶ na internet, na medida em que filtra o excesso de informações presentes na web, oferecendo um sentido e uma direção aos internautas. Segundo Herscovitz (2009, p. 13), “a profundidade das notícias e a linha editorial são os indicadores de que os portais oferecem informações sólidas e confiáveis, incluindo diversas fontes e análises, especialmente aquelas que são de propriedade de empresas de comunicação com uma longa tradição na área do jornalismo impresso”.

Contudo, para Rivera e Rogel (2020), o incremento das tecnologias digitais faz com que o jornalista seja não apenas produtor e difusor de conteúdo, mas também curador da notícia. Ou seja, nesse espaço on-line, o gatekeeping se transforma em gatewatching, que focaliza na republicação, divulgação, contextualização e na curadoria do material já existente em vez do somente desenvolvimento de conteúdo jornalístico novo.

⁶ Aquele que define o que será noticiado.

Naturalmente, os usuários envolvidos em organizar e fazer a curation da torrente das matérias noticiosas disponíveis e das informações que têm valor como notícias que estão atualmente disponíveis em uma multidão de canais, não têm condições de guardar – de controlar – os portões de quaisquer destes canais; entretanto, o que eles têm condições de fazer é de participar em um esforço distribuído e folgadoamente organizado de observar – de acompanhar – quais as informações que passam por estes canais; quais são os comunicados para imprensa que são feitos pelos atores públicos, quais são os relatórios que são publicados pelos pesquisadores acadêmicos ou pelas organizações da indústria, quais são as intervenções que são feitas pelos lobistas e políticos. (BRUNS, 2011, p. 121).

Ou seja, conforme Weber (2010), o papel do gatekeeper é adaptado ao ambiente virtual já que os leitores, muitas vezes, não conseguem filtrar o que é relevante, importante e/ou verídico devido à grande quantidade de informação disponível. Assim, teorias como a do gatewatching são válidas para atualizar conceitos adaptados a essa nova realidade jornalística, que é cada vez mais participativa e interativa.

Apesar das diversas transformações que o webjornalismo gerou, o texto para a web, assim como em qualquer outra plataforma, deve seguir as regras de um bom produto jornalístico como, por exemplo, linguagem clara e simples, checagem de informações, revisão do texto, entre outras. Franciscato (2003, p.23), pontua que um texto “admite a pluralidade de pontos-de-vista e mesmo de informações conflitantes, contanto que adequadamente contextualizadas num relato coerente”, afinal, até mesmo na web, o texto não deixa de ser uma descrição e interpretação da equipe de produção, edição e das fontes de informação.

Após a delimitação do termo Webjornalismo e a apresentação de suas contribuições e consequência, é fundamental pontuar as características dessa área como forma de evidenciar as suas potencialidades, verificar falhas e projetar melhorias ao jornalismo praticado na Web. Para Riviera e Rogel (2020, p. 168), “explorar as potencialidades da Web não está meramente relacionada a um “recurso a mais” presente no ciberjornalismo, mas a um universo de possibilidades ao leitor”. Assim, serão fornecidos mais fundamentos teóricos a fim de realizar a análise do corpus da pesquisa e chegar a resultados mais claros e objetivos.

A primeira particularidade a ser exposta possui relação com o principal elemento da imprensa escrita: o texto. No entanto, na Web, o texto ganha diversas funcionalidades, como por exemplo o emprego de links, o que gera o surgimento do hipertexto. Segundo Canavilhas (2014, p. 4), “mais do que um mero conjunto de palavras ou frases organizadas segundo um conjunto de regras preestabelecidas, o texto transforma-se numa tessitura informativa formada

por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto”.

A construção do texto a partir de blocos informativos – unidade informativa autónoma, independente de ser composta por texto, vídeo, som ou qualquer tipo de imagem - e hiperligações, conforme Canavilhas (2014), abriu uma diversidade de itinerários de leitura. Pode-se dizer que a adoção de método de apresentação da notícia foi influenciada pelo público, visto que cada vez mais cobra-se a disponibilização de mais informações, e também transformou a forma como este público consome conteúdo jornalístico.

Se a hiperligação conduz o leitor a outro bloco textual é porque este segundo bloco é uma informação mais aprofundada, ou seja, uma particularidade da notícia. Nestes casos sugere-se que a hiperligação seja colocada no final da frase ou do parágrafo, permitindo assim ao leitor perceber a informação transmitida na frase em questão (CANAVILHAS, 2014, p. 20).

Outra característica do webjornalismo é a multimidialidade. Para Salaverría (2014), esta particularidade envolve três questões: multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens. A multimidialidade faz referência a narrativa multimídia do webjornalismo e “caracteriza a convergência dos formatos das mídias tradicionais - imagem, texto e som - na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte” (MIELNICZUK, 2003, p. 48). Desse modo, o texto jornalístico próprio da web pode ser produzido a partir da sincronia dos seguintes elementos: texto; fotografia; gráficos, iconografia e ilustrações artísticas; vídeo; animação digital; discurso oral; música e efeitos sonoros; vibração.

Quando o conteúdo se expressa através de um único tipo de linguagem, encontramos-nos perante um conteúdo monomédia. Seguindo o mesmo critério, se combinarmos dois tipos de linguagem estamos perante um conteúdo bimédia; se forem três, trimédia, e assim sucessivamente. Segundo este critério, todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem associados entre si são, por natureza, multimédia. Dito de outro modo, qualquer mensagem que não seja monomédia é multimédia (SALAVERRÍA, 2014, p. 30).

A terceira peculiaridade do webjornalismo é a interatividade. Vale ressaltar que ela pode ser observada também em outros meios de comunicação, como no impresso e na televisão. Na imprensa escrita, a carta de leitores é um exemplo de possibilidade de interação entre o público e o veículo de comunicação. Já na televisão, o controle remoto possibilita o telespectador transitar pelas programações para melhor escolher o que quer assistir. Atualmente, essa interatividade na televisão expandiu com a participação de telespectadores nos produtos televisivos através de depoimentos, votações e entre outras formas.

Para Barbosa (2001, p.5), esta é a principal característica do ambiente on-line, visto que “está relacionada com a própria interação entre os conteúdos (um texto pode trazer links para reportagens anteriores, por exemplo), além das possibilidades de interferência do leitor – o consumidor da notícia – nos conteúdos acessados”. Ou seja, a própria estrutura hipertextual propicia o fortalecimento dessa particularidade no jornalismo praticado na web.

O tipo de estrutura hipertextual que propõe o meio para navegar os conteúdos, o menu de ligações semânticas presente em cada notícia, a utilização de motores de busca, hemerotecas, nuvens de etiquetas, índices (geográficos, onomásticos, temáticos), opções de personalização de cada página (tamanho da fonte, cores, ordenação de temas, etc.), diferentes alterações do desenho e da interface perante ações dos utilizadores, e um diversificado menu de alternativas de distribuição/receção de conteúdos (RSS, envios de conteúdos por correio eletrónico, distribuição pelas redes sociais, alertas em dispositivos móveis). (ROST, 2014, p. 57).

As vantagens da interatividade são tamanhas para o webjornalismo. Rost (2014) destaca que, através dela, o leitor procura dialogar, discutir, confrontar, apoiar e, de uma forma ou de outra, entabular uma relação com outros. Assim, pode-se afirmar que a partir desta característica ocorre a transferência de poder do meio para o público.

Já a quarta característica do webjornalismo é a instantaneidade. Bradshaw (2014) coloca que, atualmente, vivemos a era da instantaneidade, marcada pela disputa entre os veículos de comunicação para a publicação de uma notícia da forma mais rápida possível. Assim, as empresas jornalísticas selecionam tecnologias para beneficiá-las e tornar o processo noticioso mais ágil. Segundo Barbosa (2001, p. 2), “a disseminação e distribuição instantâneas de informação na forma de sinais eletrônicos na era digital se processa de maneira tão rápida que conseguiu fazer com que, pela primeira vez na história, uma mídia alcançasse patamar de audiência como jamais nenhuma tradicional atingiu”.

Porém, Bradshaw (2014) afirma que instantaneidade não se resume à velocidade. O melhor termo seria imediaticidade. Isso cria uma pressão para simplificar o processo editorial e o número de estágios que o repórter precisa passar até a publicação/distribuição. Isso porque, segundo o autor, as notícias são produzidas sem as limitações do espaço físico que sustentava a organização das redações. A captação de notícias, a produção e distribuição podem, agora, ocorrer simultaneamente – e serem potencializadas.

É por este motivo que o ‘furo jornalístico’, ou seja, a apresentação de uma informação nova e que outros veículos de comunicação não tiveram acesso, começou a cair por terra com

o webjornalismo. Amadori e Marques (2009) explicam que a o ‘tempo real’ trazido pelo on-line reduziu o ‘furo jornalístico’, devido ao monitoramento que acontece entre veículos concorrentes, o que fez diminuir radicalmente a exclusividade de uma informação. No jornalismo impresso, por exemplo, a conteúdo exclusivo poderia durar até o dia seguinte. Na web, isso é quase impossível. Desse modo, Amadori e Marques (2009) pontua que a internet acelerou o ritmo do mundo e não é possível analisar a mídia fora dessa lógica de rapidez, na qual a produção da notícia se desenvolve como se tivesse uma dinâmica própria.

É claro que a velocidade foi fundamental para a constituição do webjornalismo. Amadori e Marques (2009) colocam que a aceleração da velocidade, além da oferta de novas ferramentas como o hipertexto, contribuiu para o surgimento de uma linguagem jornalística com características específicas. Entretanto, para Pavlik (2014, p. 166), “a velocidade é uma faca de dois gumes no mundo da distribuição de notícias. Embora exista grande valor em veicular notícias precisas à velocidade da luz para uma comunidade global, há também o risco de se espalhar rapidamente os erros em reportagens”. De todo modo, “a notícia ganha diferentes configurações nos veículos on-line não só pela multiplicidade de recursos disponíveis, como pelo modo de construção do texto” (AMADORI; MARQUES, 2009, p. 2).

Mas o jornalismo também como um todo funciona como um repositório de fatos que constituem a memória individual e coletiva. Palacios (2014, p. 91) defende essa ideia ao afirmar que o “jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado”.

Antes de partimos para o caráter memorial do webjornalismo, é necessário contextualizar a memória que, de acordo com Lage (2013), tem a finalidade para além da retórica presentista. Ela também trata-se de uma luta contra o esquecimento, ao menos enquanto não se fizer justiça sobre um determinado acontecimento, por exemplo. Portanto, a memória apresenta um caráter ético, do tempo presente ao futuro. A memória é também um ponto de inflexão entre o passado e o futuro, mas com a ancoragem no tempo presente. É por este motivo, segundo Lage (2013), que é necessário observar as múltiplas temporalidades das narrativas jornalísticas, onde a memória toma formas diversas ao ser evocada, não deve substituir a força do presente que intervém no trabalho jornalístico.

Em se tratando do webjornalismo, a memória é ainda mais presente porque “para propósitos práticos, as redes digitais disponibilizam espaço virtualmente ilimitado para o armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos alvos visados” (PALACIOS, 2014, p. 95). Isso é resultado, segundo Palacios (2014), da forma multilinear e personalizável que o mundo passou a fluir, com muitas telas que compõem o nosso contemporâneo de mídias convergentes, múltiplas interfaces e plurivocalidades. De acordo com Palacios (2003), a memória no jornalismo de Web pode ser recuperada tanto pelo produtor da informação quanto pelo usuário, através de arquivos on-line providos com motores de busca que permitem múltiplos cruzamentos de palavras-chaves e datas.

É importante ressaltar que a memória não é exclusiva do webjornalismo e que outros suportes também possuem essa particularidade, só que de outras formas. Para Palacios (2010), um olhar sobre o processo de fazer jornalístico revela, em inúmeras ocasiões, o recurso da memória na produção de conteúdos jornalísticos. O acionamento dela pode ser observado em produtos jornalísticos de caráter comemorativo, ou também em obituários, por exemplo.

Os jornais impressos, desde longa data, mantêm arquivos físicos das suas edições passadas, abertas à consulta do público e utilizadas por seus editores e jornalistas no processo de produção de informação noticiosa. No jornalismo impresso moderno é comum a publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente. O mesmo ocorre com relação às emissoras de rádio e TV, que mantêm arquivos sonoros e de imagem, eventualmente utilizados na produção de material noticioso de caráter jornalístico. (PALACIOS, 2003, p. 83).

O webjornalismo também possibilita mais a personalização dos produtos jornalísticos. De acordo com Mielniczuk (2003, p. 45), a personalização refere-se “a possibilidade de cada leitor estabelecer um percurso individualizado de leitura a partir da navegação pelo hipertexto”. Desse modo, o sujeito possui a chance de construir o seu próprio produto a partir da narrativa hipertextual ofertada na Web. Isso significa que dois leitores podem ter textos distintos, dependendo dos caminhos que eles escolherem percorrer.

Para Lorenz (2014), a personalização é ainda vista como um negócio de nicho, principalmente no campo da notícia, e não como uma particularidade do webjornalismo a ser usada para melhorar a qualidade do produto jornalístico. É por isso que a personalização possui um preço, devido ao seu caráter mercantil.

Ao mesmo tempo, conseguem muitas vezes criar um nicho com receita, baseado na vontade dos seus clientes pagarem mais, ou pagarem um extra, para as qualidades específicas adicionadas ao produto personalizado. Muitas vezes, a personalização envolve o trabalho feito à mão ou especializado, e não pela tecnologia de produção em massa. (LORENZ, 2014, p. 140).

A pouca utilização da personalização no webjornalismo, problema apontado por Lorenz (2014), pode ser acarretada pelo fato do conteúdo jornalístico estar cada vez mais disponível na Web, mas que a transição de modelos antigos de publicação para novas ofertas continua sem ocorrer de forma plena. Para isso, segundo Lorenz (2014, p. 152), é necessário mudar as métricas da economia do mercado através do afastamento “da economia da atenção, onde as ideias, produtos ou serviços com maior visibilidade obtiveram sucesso, para a economia da confiança, onde esta mesma confiança é o elemento mais procurado”.

Por fim, a última característica do webjornalismo a ser apresentada neste subtópico é a ubiquidade. Ela se apresenta, de acordo com Silva (2008), atrelada aos dispositivos vinculados a conexões e sistemas de localização que, junto com a portabilidade dos objetos, mobiliza novas territorialidades e movimentos em torno do ambiente tecnológico. Para Henriques (2016, p. 22), a ubiquidade tecnológica “está interligada à mobilidade, pois é ela que possibilita o deslocamento e as amplas conexões entre os indivíduos e os territórios informacionais, nos quais as cidades e seus movimentos fazem parte”. Desse modo, segundo a autora, a utilização dessas tecnologias móveis evidencia os espaços híbridos, onde há a coexistência dos espaços físicos e virtuais.

Assim, a mídia nos passa a sensação de que está em todo lugar, conforme Pavlik (2014), devido ao impulso rumo à conexão sem fio por banda larga em escala global e à miniaturização de mídias móveis a preços baixos. Isso possibilita ao jornalismo não só a promoção de debates ao público, como também a criação de mercados e modelos sustentáveis.

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet. (PAVLIK, 2014, p. 160).

Na era digital, essa peculiaridade se tornou mais perceptível, na medida em que, segundo Pavlik (2014), a banda larga ubíqua, especialmente a tecnologia wireless, redefiniu os preceitos básicos do jornalismo e da mídia. Segundo Rivera e Rogel (2022), diferentemente de outros

meios de comunicação que apresentam horários específicos, um site de notícia, por exemplo, pode ser acessado a qualquer hora ou lugar do mundo, ou seja, as dimensões do jornalismo se ampliaram de tal modo que também modificam a relação dos leitores com o conteúdo disponível on-line.

Outra mudança ocasionada pela presença da ubiquidade no webjornalismo é a participação cada vez mais ativa do cidadão que, até então, acreditava na independência, imparcialidade e honestidade da mídia para tomar decisões. Segundo Pavlik (2014), na era digital, o valor do jornalismo perante a sociedade se expande e os cidadãos passam a não somente obter informações, mas também a contribuir para o fluxo informacional. Assim, o valor do jornalístico é alargado à medida que cresce a natureza participativa das notícias.

Para Pavlik (2014), o caminho para a ubiquidade digital é o investimento por parte das instituições jornalísticas na construção de um envolvimento com os cidadãos globalmente conectados. Contudo, o autor ressalta os perigos e dificuldades deste caminho, visto que há restrições ao discurso digital livre e aberto.

3.3 O WEBJORNALISMO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

O webjornalismo, assim como o jornalismo como um todo, sofreu mudanças desde 2020, quando iniciou-se em todo o planeta a pandemia da Covid-19. Por dois anos, o novo coronavírus e suas consequências ao ser humano foram temáticas centrais. A imprensa, de modo geral, noticiou as normas higiênicas que passaram a serem obrigatórias nos espaços públicos e privados, as decisões governamentais sobre o fechamento ou não dos estabelecimentos comerciais, as campanhas de vacinação, entre outros assuntos que precisavam de ampla divulgação para que a Covid-19 fosse combatida o mais rápido possível. A pandemia de Covid-19, uma situação atípica nesse século, passou a ser destaque no jornalismo, tanto a nível nacional como local, e que, conforme Ferraz (2020), carrega consigo uma forte carga simbólica por remeter à desordem causada pela doença em larga escala na população mundial, provocando mortes e afetando a rotina de cidades, estados e países.

Para Bitencourt, Berneleau e Bratti (2020, p. 27), um único assunto dominou os noticiários em todo o planeta de forma inédita, o que fez com que a informação se tornasse um elemento vital “para determinar condutas, comportamentos, tomada de decisões governamentais, adesão a medidas, alteração de crenças, mudanças de hábitos”. Isso contribuiu para que o jornalismo assumisse novas responsabilidades.

Por ter uma dimensão global, as plataformas de comunicação têm uma responsabilidade enorme não só de informar, como fazer um serviço público de prevenção à doença e combater as informações falsas, evitando causar pânico na população, mas sempre ressaltando a seriedade do assunto (BITENCOURT; BERNELEAU; BRATTI, 2020, p. 30).

Por conta destes motivos, as produções jornalísticas sofreram mudanças nesse período. Segundo Bitencourt, Berneleau e Bratti (2020), a instantaneidade e a ubiquidade, características próprias do webjornalismo, se intensificaram durante a pandemia na tentativa dos meios de comunicação em abarcar o fenômeno planetário, o que tornou o trabalho do jornalista mais desafiador e necessário.

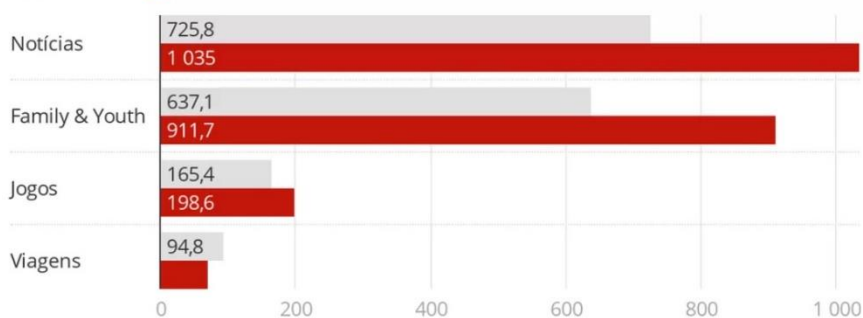
Além das informações, no webjornalismo houve o investimento na divulgação de dados durante a cobertura da pandemia. Mapas, tabelas e gráficos sobre cuidados, óbitos, vacinas, hospitalização, equipamentos entre outros foram alguns dos elementos que se tornaram bastante presentes nas matérias webjornalísticas. “O acesso aos dados para produzir e reproduzir a informação é a base do jornalismo” (SANTOS; SAAR; SCHEIBE, 2021, p. 10).

Contudo, paralelo ao aumento da produção de notícias, houve o crescimento da audiência, principalmente da mídia online. Logo no início da pandemia, em abril de 2020, a empresa de análise de mídia Comscore divulgou uma medição de audiência em plataformas digitais brasileiras, constatando que o consumo de mídia foi intensificado durante a quarentena (g1,2020). A pesquisa comparou o intervalo de 9 a 15 de março com 16 a 22 daquele mês. Houve uma alta significativa em acessos de conteúdos familiar e jovem, jogos, notícias e redes sociais. Em relação às notícias, houve um aumento de 42,6%.

Visitas, segundo a Comscore

Em milhões de sessões

■ 9 a 15/mar ■ 16 a 22/mar



Fonte: Comscore

Figura 6: gráfico do Portal g1 mostra audiência de março de 2020 – Comscore.

Em setembro do mesmo ano, a Luminate, uma organização filantrópica global, realizou uma pesquisa sobre o consumo de pesquisas durante a pandemia e verificou que, no Brasil, 65% dos leitores de veículos digitais aumentaram o consumo de notícias (Portal dos Jornalistas, 2020). De acordo com a organização, 92% dos participantes da pesquisa afirmaram que acessam notícias em meios digitais ao menos duas vezes por semana, e 83% disseram que acessam notícias ao menos uma vez ao dia. Além disso, outros produtos digitais jornalísticos, além das webnotícias, passaram a ser mais consumidos. A Kantar Ibope Media divulgou um levantamento, em julho de 2020, revelando que as pessoas passaram a utilizar mais a TV online, streaming de rádio, redes sociais e podcasts, por exemplo.

Pode-se dizer que o aumento de consumo de conteúdo jornalístico online – e de outros meios de comunicação também – durante este período se deu devido à busca incessante por mais informações sobre a doença que se alastrava pelo país. Segundo Aquino e Vieira (2020, p. 166), as notícias são “um dos elementos de que os cidadãos dispõem para tomada de decisões cotidianas, desde as mais simples até as mais complexas”.

Apesar da alta no consumo de mídia online, a confiabilidade de meios de comunicação tradicionais como televisão e rádio ainda é maior que a dos sites de notícias. Segundo uma pesquisa divulgada pelo Instituto Ranking Pesquisa em maio de 2021, com 55,8%, a televisão é o meio de comunicação mais confiável do país. Em seguida, vem o rádio, com 50,97%. A taxa de confiabilidade dos sites de notícias é registrada nesta pesquisa com 22,87%, seguido do jornal impresso com 18,47% e redes sociais com 14,6%. Isso revela que, apesar de todo o crescimento demonstrado pela mídia on-line, o jornalista que produz conteúdo para plataformas digitais ainda possui um grande desafio que é de contornar a baixa credibilidade do meio em relação a outros.

No Brasil, especificamente, ocorreu um fato interessante durante a pandemia: o chefe do poder executivo, Jair Messias Bolsonaro (PL), incentivava não só a descrença na imprensa como também na própria Covid-19.

A pandemia do novo coronavírus não é uma questão puramente sanitária ou de saúde. Questões políticas entraram em pauta durante todo o processo e a difícil relação entre fechar as cidades para controlar o avanço da doença e as perdas financeiras que isso poderia arrecadar, pautaram muito das coberturas jornalísticas sobre o tema. No caso do Brasil, a situação tornou-se mais complexa, já que a relação do presidente da república, Jair Bolsonaro, com os jornalistas era complicada e repleta de atritos antes mesmo do começo da pandemia. (MEDINA, 2021, p. 12).

De acordo com Falcão e Souza (2021), o então presidente Bolsonaro e seus apoiadores foram responsáveis pela disseminação de diversas *fake news*⁷ à respeito da pandemia da Covid-19. Antes de citar os exemplos, vale ressaltar que, segundo Sousa Júnior (2020, p. 302) “as mensagens falsas são espalhadas em diversos formatos, geralmente possuem um texto afirmativo, o que leva as pessoas, que não checam as informações, a acreditarem e a compartilharem a falsa notícia”. Assim, as notícias falsas acabam atrapalhando o trabalho dos órgãos envolvidos na contenção do vírus e, por este motivo, as atitudes de Jair Bolsonaro foram prejudiciais ao processo de combate da doença.

Em março de 2020, por exemplo, o chefe do Poder Executivo do país, durante pronunciamento em rede nacional de televisão, criticou a recomendação das autoridades de saúde para que todos aqueles que pudessem ficassem em casa. Bolsonaro culpou os meios de comunicação por espalharem, segundo ele, uma sensação de “pavor” e disse que, se contraísse o vírus, não pegaria mais do que uma “gripezinha”. Em seguida, diversas entidades de médicos, de outros profissionais de saúde e de cientistas condenaram a fala do presidente.

Em outubro do mesmo ano, Jair Bolsonaro afirmou que mandou cancelar o protocolo de intenção de compra de 46 milhões de doses da vacina CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac. Ele declarou que “os números têm apontado que a pandemia está indo embora”. Entretanto, tal afirmação era fake. O portal g1, através do seu **Projeto Fato ou Fake**, informou que, naquele momento, “apesar de o Brasil estar há dez dias com tendência de queda nos óbitos, ainda são registradas, em média, cerca de 500 mortes diárias pela Covid-19” (g1, 2020).

Do negacionismo quanto à gravidade da pandemia à divulgação massiva de remédios sem qualquer comprovação científica de eficácia, o principal líder do Executivo pode ter contribuído para a disseminação da doença no Brasil. Em contrapartida, vale ressaltar a importância do trabalho jornalístico sério e ético diante desse cenário – tanto dos profissionais quanto dos veículos de imprensa –, bem como a atuação das agências de checagem de informações. Acreditamos que este seja talvez um momento importante para a valorização do trabalho jornalístico de qualidade, ao enxergá-lo como uma ferramenta de suma relevância no enfrentamento à desinformação desencadeada pelo grande volume de fake news que circula atualmente. (FALCÃO; SOUZA, p. 67, 2021).

⁷ Fake news significa “notícias falsas” e tratam-se de artigos de notícias que são intencionais e falsos e que podem enganar os leitores. As notícias falsas se originam em vários tipos de site que, normalmente, tendem a ter vida curta (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

Nesse sentido, o webjornalismo, assim como a imprensa como um todo, desempenhou um papel redobrado ao informar o público sobre a doença e a desmentir notícias falsas, algumas vezes, propagadas pelo próprio presidente da República e por seus apoiadores, até porque, conforme Aldé (2004, p. 3) “imaginar que a imprensa deve posicionar-se incondicionalmente a favor de qualquer política adotada pelo Estado que ocupa o lugar de poder naquele momento, mesmo militar, é diminuir seu papel na construção de uma sociedade democrática, negando ao público a possibilidade de repudiar os atos ilegítimos do Estado que o representa”.

Embora o webjornalismo tenha enfrentado este desafio, acredita-se que, no ponto de vista de operacional, a web foi a menos afetada dentre as áreas do jornalismo. Os jornalistas deste campo possuíram mais facilidade em se adaptar ao trabalho remoto. Basta apenas um computador e internet para que este profissional escreva reportagens e a publique-as. A logística na web é mais prática comparada, por exemplo, na televisão, no rádio e no impresso, que requer uma estrutura maior.

Na TV Clube, afiliada da Rede Globo no Piauí, por exemplo, entrou em quarentena por 15 dias após o jornalista Marcelo Magno, de 37 anos, ser diagnosticado com Covid-19 e ser internado em estado grave. Os telejornais da Globo Recife passaram a ser exibidos pela filial da Globo no Piauí provisoriamente. Os noticiários pernambucanos contavam com uma rápida participação de jornalistas do Piauí. Contudo, os portais de notícias da emissora piauiense, g1 Piauí e ge Piauí, continuaram a todo vapor, com os jornalistas em home office. Isso prova a facilidade do webjornalismo em se adaptar às mudanças causadas pela pandemia da Covid-19.



Figura 7: comunicado emitido pela Rede Clube no dia 20 de março de 2020.

É inegável que o webjornalismo foi fortalecido durante este período e que passará a ter cada vez mais espaço no campo da informação. Considerando que, no geral, o webjornalismo foi uma das áreas mais beneficiadas com este novo modelo de sociedade acarretado pela pandemia da Covid-19, esta pesquisa se propôs a observar o material publicado sobre desigualdade social em sites de notícias. No próximo capítulo, partimos para outro pilar desta pesquisa, o enquadramento e suas implicações.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ENQUADRAMENTO E SUAS RELAÇÕES COM O JORNALISMO

Esta pesquisa se alça como uma iniciativa em analisar os enquadramentos dados às webreportagens sobre a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 veiculadas nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Com base no objetivo principal desta pesquisa, percebe-se que o enquadramento acaba sendo um dos conceitos essenciais de compreensão antes da realização desta análise proposta. Assim, neste capítulo serão esmiuçadas as principais definições que o envolvem, os principais autores que o utilizam e como o enquadramento é aplicado no jornalismo.

4.1 ENQUADRAMENTO: PRINCIPAIS CONCEITOS E AUTORES

A palavra enquadramento deriva-se de “quadro” que, em inglês, é traduzido para “frame”. A noção de “frame” passou a ser estudada nas ciências sociais e humanas a partir do antropólogo Gregory Bateson, em seu livro denominado “A Theory of Play and Fantasy”, em 1955. Para ele, o conceito de quadro se relaciona com o de contexto e enquadrar seria delimitar um conjunto de mensagens que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores.

Em 1974, Erving Goffman apresentou o conceito de quadro como organizador e definidor da percepção de realidade. Eles são socialmente construídos por meio dos processos de seleção, exclusão e ênfase de determinados aspectos e informações, de tal forma que compõem perspectivas através das quais os eventos ou situações são dados a conhecer. Para Smith (2006), a análise de frames trata-se de uma resposta de Goffman ao desafio fornecido pelo surgimento da etnometodologia e da fenomenologia relacionadas aos acontecimentos dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Anteriormente, Goffman se concentrava nas práticas interacionais a partir de estudos consistentemente sociológicos. Na análise de frames, o pesquisador se afastou dessas interações e passou a abordar uma questão experimental através da seguinte pergunta: como os indivíduos dão sentido a qualquer ‘faixa’ de atividade?

Posteriormente, em 1993, Robert M. Entman, que virá a se tornar um dos principais autores da área, irá além e pontuará que esses quadros determinam se a maioria das pessoas percebem, como entendem e lembram de um problema, como elas avaliam e escolhem agir diante dele. Assim, o ato de enquadrar foi classificado pelo autor como “selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes de uma forma a ser comunicado no texto, de modo a promover uma definição de problema particular, interpretação causal,

avaliação moral e/ou recomendação de tratamento” (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa)⁸. Portanto, segundo ele, a noção de frame “implica que o quadro tem um efeito comum em grandes porções de o público receptor, embora não seja provável que tenha um efeito universal sobre tudo” (ENTMAN, p. 54, 1993, tradução nossa)⁹.

Carvalho (2000) afirma que o frame é distinguido em três formas. A primeira, já neste capítulo apresentado, é em relação à percepção e trata os quadros como padrões para a organização da cognição da realidade. Estudos sobre psicologia cognitiva e inteligência provam que os objetivos ou eventos são percebidos através da atribuição de um aspecto geral, familiar, e não partindo de componentes individuais. A segunda forma está ligada à estruturação do discurso, pois os quadros também podem ser vistos como estruturas presentes no discurso. Nesta linha, um frame é uma ideia subjacente que dirige à construção de um texto.

A terceira percepção de frame, segundo Carvalho (2000), refere-se às construções culturais de “nível superior”, à medida que os quadros são considerados formas compartilhadas de compreensão do mundo, podendo ser equiparados a ‘representações sociais’. De todo modo, Carvalho (2000, p. 8) acredita que essas três percepções de frames estão interconectadas:

Estruturas mentais do tipo frame são adquiridas no processo de socialização e sua transmissão ocorre por meio de práticas discursivas. Na socialização, os quadros culturais são transmitidos. Por outro lado, os enquadramentos culturais só podem existir através do discurso. Eles são reproduzidos ou desafiados. As ligações e interdependências são óbvias.

Independente de qual percepção o enquadramento esteja inserido, de acordo com Reese (2001), ele serve para estruturar o mundo social e afeta diretamente a compreensão dos indivíduos em relação ao mundo político. Para o autor, o enquadramento é formado por seis componentes. São eles: organização, princípios, compartilhamento, persistência, simbologia e estrutura.

A organização do enquadramento pode ser realizada de várias maneiras, contudo, as duas formas principais são cognitivamente e culturalmente. Reese (2001) explica que os quadros são organizados cognitivamente quando eles nos convidam a pensar sobre os fenômenos sociais de uma determinada maneira, muitas vezes apelando para preconceitos

⁸ To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.

⁹ The notion of framing thus implies that the frame has a common effect on large portions of the receiving audience, though it is not likely to have a universal effect on all.

psicológicos básicos. Já no aspecto cultural, os quadros não se limitam a organizar uma história, mas organizar uma compreensão cultural. Eles são denominados como quadros estratégicos, que dão conta de uma realidade social de forma mais ampla.

Em relação ao princípio de um quadro, Reese (2001) destaca que trata-se da ênfase de sua qualidade abstrata. O princípio organizador de um quadro é o resultado de muitos princípios interrelacionados e concorrentes de fontes e dos próprios profissionais da mídia. Mas, para que o quadro seja útil, é necessário que ele seja compartilhado, que é o terceiro componente abordado por Reese (2001). Um quadro pode variar a qualquer momento e, assim, ser útil e compartilhado ou não. A aceitação e o compartilhamento dele depende de quais compreensões o leitor traz ao texto para produzir significado.

Um quadro também é persistente, à medida que ele, ao lidar com a informação, sugere tendências que resistem à mudança. Essa resistência, segundo Reese (2001), sugere, em termos funcionais, que uma estrutura está satisfazendo uma necessidade importante daquele momento. Reese (2001) afirma que o quadro é composto ainda por uma simbologia, que nada mais é do que as formas de manifestação e comunicação de um quadro através da comunicação de dispositivos simbólicos.

Por fim, Reese (2001) pontua que o quadro possui uma estrutura, que impõe ao mundo social um padrão constituído por qualquer número de dispositivos simbólicos. Essa estrutura pode ser manifestada e explícita ou embutida e implícita. Alguns quadros podem ser facilmente definidos como, por exemplo “vidas perdidas” ou “vidas salvas”, positivo ou negativo. Outros são mais complexos e apresentam estruturas que não são tão fáceis de serem classificadas ou manipuladas como, por exemplo, um cenário experimental.

Todas essas características podem ser observadas quando o comunicador enquadra julgamentos ao decidir o que fazer. Entman (1993, p. 52, tradução nossa)¹⁰ explica que os frames em um texto, por exemplo, se manifestam “pela presença ou ausência de certas palavras-chaves, frases de estoque, imagens estereotipadas, fontes de informação e sentenças que fornecem agrupamentos de fatos ou julgamentos que reforçam temáticas”. É através desse

¹⁰ The text contains frames, which are manifested by the presence or absence of certain Keywords, stock phrases, stereotyped images, sources of information, and sentences that provide thematically reinforcing clusters of facts or judgments.

processo que são organizados os sistemas de crenças¹¹. Entman (1993) vai além e argumenta que a compreensão dos quadros ajuda a esclarecer muitas controvérsias empíricas e normativas, visto que o conceito de enquadramento direciona a atenção para os detalhes de como um texto comunicado exerce seu poder.

Assim, conforme Entman (1993), a análise do enquadramento também serve para iluminar a maneira pela qual a influência sobre a consciência humana é exercida pela transferência ou comunicação de informações de um local – como um discurso, declaração, noticiário ou romance – para aquela consciência. Contudo, o objetivo desta pesquisa não é focar nos enquadramentos individuais, mas nos enquadramentos interpretativos jornalísticos. Isso será feito a partir da análise proposta que foi realizada entre os enquadramentos identificados nos dois observáveis escolhidos.

4.2 ENQUADRAMENTO E JORNALISMO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL NAS PESQUISAS E NA REDAÇÃO

De acordo com De Vreese (2012, p. 372) ¹²“o enquadramento faz parte de um processo dinâmico de troca de mensagens e a pesquisa de enquadramento requer projetos de estudos adequados. Possivelmente, o mais importante é a observação sobre os enquadramentos jornalísticos”. No que se refere ao enquadramento nos estudos em jornalismo, o precursor da utilização dessa metodologia para entender as questões jornalísticas foi Gaye Tuchmann (1978). Para a autora, a notícia é uma janela para um mundo que dá ao público aquilo que ele deve, necessita e quer saber. Porém, o enquadramento da notícia pode ser considerado problemático porque “a vista por uma janela depende se a janela é grande por pequena (...), se o vidro é opaco ou transparente e se a janela está de frente para uma rua ou um quintal” (TUCHMANN, 1978, p. 1).

Para Gonçalves (2011), Tuchmann, em suas pesquisas, almeja explicar as influências estruturais - sejam elas as organizações, rotinas de produção e ideologia dos jornalistas – em relação à seleção e construção de notícias, ou seja, sobre a definição dos seus enquadramentos.

¹¹ De acordo com Azevedo e Lemos (2018), um sistema de crenças reúne crenças e valores compartilhados por uma cultura. Ele é responsável por definir um modo específico de perceber o mundo social, cultural, físico e psicológico, afetando diretamente a nossa consciência e a nossa compreensão daquilo que formulamos como realidade. Ou seja, a forma como compreendemos o real e os adjetivos a ele atribuídos é constituído em nosso sistema de crenças.

¹² Framing is part of a dynamic process of message exchange, and framing research requires adequate study designs. Perhaps the most important one is the observation about journalistic news frames.

“Demonstra, por exemplo, de que forma a rede montada para garantir o processo de produção de notícias constitui um elemento determinante na construção social da realidade” (GONÇALVES, p. 159, 2011). Tuchmann (1978) argumenta que os meios de comunicação delimitam o enquadramento por meio do que os cidadãos discutem acontecimentos públicos pois a qualidade do debate cívico depende das informações disponíveis.

Os enquadramentos analisados nos estudos de jornalismo podem ser de dois tipos: o noticioso ou interpretativo. Porto (2004, p. 15) explica que os enquadramentos noticiosos “são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” e que os enquadramentos interpretativos são “padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento, etc.” (PORTO, 2004, p. 15). Cabe ressaltar que essas interpretações são provenientes de um contexto externo à mídia e que podem ser incorporadas ou não por elas. As abordagens dos enquadramentos nessas duas modalidades são diferentes e, por este motivo, Gonçalves (2011) pontua que o enquadramento interpretativo é mais próximo das Teorias da Notícia, enquanto o noticioso se aproxima das Teorias dos Efeitos.

De acordo com Porto (2004), um trabalho pioneiro na área no Brasil sobre enquadramento no jornalismo foi o de Afonso de Albuquerque (1994), que analisou a cobertura da eleição presidencial pelo Jornal Nacional da Rede Globo entre março e maio de 1994. Em sua pesquisa, o autor ressaltou os diferentes enquadramentos utilizados pelo telejornal para cobrir a corrida presidencial. Esta metodologia é uma das preferidas dos pesquisadores que estudam jornalismo político ou jornalismo e movimentos sociais.

Acadêmicos brasileiros têm encontrado no conceito de enquadramento um instrumento de análise importante para estudar a relação entre a mídia e os movimentos sociais. Em particular, pesquisadores destacaram os enquadramentos utilizados na cobertura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, pelos principais telejornais. (PORTO, p. 11, 2004).

O conceito de enquadramento também tem sido bastante utilizado no desenvolvimento de estudos comparativos entre o jornalismo praticado no Brasil e o de outros países. Contudo, estas pesquisas giram em torno dos conteúdos e não da audiência. Para Porto (2004, p. 13) “poucos trabalhos incluem pesquisas empíricas sobre os efeitos dos enquadramentos da mídia na formação das preferências políticas do público”.

Outra forma como o enquadramento é trabalhado nos estudos de jornalismo é em relação às suas semelhanças, mesmo com ressalvas, com outras teorias jornalísticas como, exemplo, o agenda-setting que, segundo Wolf (1987), parte da ideia que o público irá saber, ignorar, prestar atenção ou negligenciar elementos específicos dos cenários públicos a depender da ação dos meios de informação. Pode-se dizer que a teoria do agendamento e a do enquadramento recuperam a noção de influência dos meios de comunicação e iniciam uma nova etapa dos estudos de Comunicação denominado “construtivismo social”. Para Santos (2017), o agenda-setting e o framing compartilham um terreno comum, visto que a produção de enquadramento envolve a seleção de aspetos da realidade e o seu destaque no texto noticioso através da seleção e partilha de determinadas características.

Apesar desta metodologia ser notada em algumas áreas, o enquadramento ainda não é tão presente nos estudos de jornalismo. Gonçalves (2011) até defende que não há nas pesquisas brasileiras um esforço teórico ou empírico em relação ao enquadramento, mas sim referências à noção de *frame*, sem que haja uma apropriação efetiva do conceito para a definição de um quadro conceitual de uma investigação.

Nesta pesquisa, parte-se da ideia que o enquadramento é muito mais do que uma mera metodologia a ser utilizada para compreender os processos e práticas jornalísticas. O enquadramento pode ser percebido, segundo Muñiz (2015), à medida que o jornalista, ao transmitir informações por meio de notícias, leva uma abordagem ou ponto de vista sobre elas através do processo de seleção e aprimoramento de determinados aspectos dentro do conteúdo informativo.

Antunes (2009, p. 88) explica que isso acontece quando o jornalista “identifica um evento noticiável, mobiliza uma cadeia de percepções, que vão do repertório de sua experiência individual até as molduras produzidas à escala da sua comunidade interpretativa profissional e àquelas molduras pré-definidas no âmbito do meio em que trabalha (editorias, linha editorial, linguagem do veículo etc.)”. Assim, o quadro é estabelecido a partir do momento em que o profissional se pergunta que evento é aquele, que notícia será aquela, verificando o grau de conformidade com outros acontecimentos jornalísticos, e pode ser observado, conforme Antunes (2009), através de todo elemento significativo na estruturação de uma notícia, tais como palavras-chaves, tópicos frasais, fontes citadas nas matérias, imagens fotográficas, títulos, entre outros.

Gonçalves (2011) segue o mesmo pensamento e pontua que as notícias são o próprio enquadramento, pois é por meio delas que os indivíduos constroem parte da percepção do mundo. Ele poderá ser visualizado no processo de “junção de elementos textuais e culturais, que acreditamos que se materializam discursivamente no conteúdo dos media” (VIMIEIRO; DANTAS, p. 14, 2009). Gonçalves (2011, p. 160) explica que os quadros terão duas funções no campo jornalístico: “organizar o mundo para os jornalistas que o reportam – são eles que permitem aos jornalistas operacionalizar o processamento de grandes quantidades de informação – e para as audiências”. Segundo Muñiz (2015), o quadro de uma notícia já apresenta uma estrutura definida no conteúdo informativo.

O frame da notícia pode ser definido como uma estrutura presente no conteúdo informativo, que é construída a partir da seleção, ênfase e exclusão de determinados aspectos ou elementos e sua relação dentro da notícia, que é utilizada pelos jornalistas para preparar suas informações e fornecer determinado ângulo, abordagem, perspectiva ou tratamento ao assunto relatado, de forma a torná-lo mais compreensível para o público, podendo gerar efeitos cognitivos, emocionais, atitudinais e/ou comportamentais sobre o público que consome. (MUÑIZ, p. 74, 2015).

A presença do enquadramento nos processos e práticas jornalísticas se dá, segundo Vimieiro e Dantas (2009, p. 3), devido ao fato que os enquadramentos “auxiliam as pessoas na própria ordenação da realidade percebida, na medida em que tornam cognoscíveis uma infinidade de eventos que dificilmente seriam processados caso não recorresse ao framing”. Tanto o jornalista quanto o público ou entre outros atores sociais, conforme Vimieiro e Dantas (2009), utilizam o ato de enquadrar como uma maneira de agir interagir para criar formas organizadas de entendimento do mundo.

Toda e qualquer cobertura jornalística deve, portanto, ofertar para a sociedade informações com pluralidade de enquadramentos. Aldé (2004, p. 16) pontua que, em uma democracia, o público deve tomar decisões após o livre embate de ideias, com a presença de uma imprensa livre para a circulação e divulgação de diversidade.

Uma pluralidade deste tipo pode ser obtida seja externamente, quando vários veículos com diferentes perspectivas circulam numa mesma sociedade, permitindo aos cidadãos escolherem aquele com que mais se identificam, seja internamente, quando os órgãos emissores da comunicação de massa tomam para si a tarefa de “ouvir todos os lados envolvidos”, apresentando nos mesmos veículos uma efetiva pluralidade de enquadramentos. (ALDÉ, 2004, p. 16).

Além disso, pode-se dizer que a pluralidade de enquadramentos na imprensa, tão pontuada até aqui, foi intensificada com a internet. Para Aldé (2004), isso se dá devido à disponibilização de informação instantânea e múltipla da internet através dos mais diversos atores como jornalistas, órgãos de imprensa, organizações multilaterais e não-governamentais, que fazem com que histórias, imagens e enquadramentos variados circulem na web. Portanto, pode-se dizer que o enquadramento e o jornalismo, seja ele da web ou não, estão conectados. Eles se relacionam, se comunicam e, por este motivo, o enquadramento, enquanto metodologia, pode auxiliar a responder muitas questões acadêmicas sobre os processos e práticas jornalísticas.

4.3 ENQUADRAMENTOS APLICADOS EM PESQUISAS NA COMUNICAÇÃO

O enquadramento, metodologia a ser usada para a realização desta análise proposta, é utilizado por pesquisadores das mais diversas áreas. Segundo Borah (2011), os estudos de enquadramento podem ocorrer no âmbito sociológico e psicológico. Os estudos psicológicos examinam os efeitos do enquadramento no público e os estudos sociológicos examinam os frames na comunicação. Ou seja, pesquisas empregando metodologias como análise de conteúdo e textual foram codificadas como sociológicas, enquanto pesquisas que utilizam projetos experimentais foram codificadas como psicológicas. Para Borah (2011, p. 250, tradução nossa)¹³, “em geral, os estudos de análise de enquadramento examinam frames usados no texto da mídia, mas há muito poucos estudos que realmente pagaram atenção ao processo de produção do quadro”.

Na comunicação, especificamente, de acordo com Vimieiro e Dantas (2009), os trabalhos acadêmicos que abordam tal metodologia podem falar sobre os enquadramentos da mídia ou da audiência. Contudo, há diversas variações dentro dessas duas modalidades. Para as duas autoras, nem todos os estudos sobre enquadramento da mídia são realizados da mesma forma e nem todas as pesquisas sobre enquadramento da audiência dizem a mesma coisa.

Em relação ao enquadramento da mídia, modalidade aplicada a esta pesquisa, Matthes e Kohring (2008) defendem que há cinco diferentes abordagens metodológicas para a medição

¹³ However, in general, framing analysis studies examine frames used in the media text, but there are very few studies that have actually paid attention to the frame production process.

de frames de mídias: abordagem hermenêutica, abordagem linguística, abordagem holística manual, abordagem assistida por computador e abordagem dedutiva.

Na abordagem hermenêutica, Matthes e Kohring (2008) explicam que os estudos são baseados em pequenas amostras que espelham o discurso de uma questão ou evento. A maioria desses estudos é bem documentado e completo em sua discussão sobre os quadros de mídia. Na abordagem linguística, os frames são identificados por meio da seleção, colocação e estrutura das palavras e frases específicas no texto. Os pesquisadores determinam elementos linguísticos que significam um frame e realizam uma análise sistemática e completa de textos de notícias.

Na abordagem holística manual, os quadros são gerados por uma análise qualitativa de algumas notícias e, logo depois, são codificados como variáveis holísticas em um conteúdo manual. Já na abordagem assistida por computador, a grande vantagem é a objetividade na extração de quadros, que não são ‘encontrados’ pelo pesquisador, mas pelo programa de computador. Por fim, na abordagem dedutiva, há uma derivação de quadros da literatura e, em seguida, uma codificação em análise de conteúdo padrão.

Para Matthes e Kohring (2008), todas essas abordagens apresentam falhas que podem comprometer a análise dos quadros e, por este motivo, propõem alguns entendimentos sobre o desenvolvimento de pesquisas de enquadramento. Em primeiro lugar, o pesquisador deve partir do pressuposto de que um texto apresenta diversos elementos que são definidos como componentes ou dispositivos de quadros. Desse modo, os autores sugerem que o quadro não seja analisado como um todo, mas dividido em seus elementos separados para que, a partir disso, possa ser feita a análise. Matthes e Kohring (2008) defendem o desenvolvimento da análise dos quadros desta maneira pois acreditam que alguns elementos dos frames são agrupados sistematicamente em uma maneira específica, formando um padrão que pode ser identificado em vários textos de uma amostra.

Assim, segundo Matthes e Kohring (2008), o autor que apresenta uma definição de enquadramento mais detalhada e amplamente aceita entre os pesquisadores, levando em consideração o caráter diverso do quadro, é Robert M. Entman (1993), ao estruturar o frame da seguinte forma: seleção e destaque; uso de elementos destacados para estruturar o argumento sobre problemas e sua causa; definição particular do problema; interpretação causal; avaliação moral e recomendação de tratamento.

Nesta pesquisa, compactua-se com a percepção de Matthes e Kohring (2008) em relação ao processo de análise dos frames e com a proposta de estruturação do quadro de Entman (1993). Por este motivo, os seis procedimentos citados no parágrafo anterior foram utilizados para análise das notícias sobre desigualdade social na pandemia da Covid-19 nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Os procedimentos serão detalhados no próximo capítulo, onde está inserido a análise do *corpus* da pesquisa.

Portanto, após a explanação destes capítulos teóricos, parte-se para o quinto capítulo desta pesquisa, onde será apresentada a caracterização dos observáveis – *Folha de S. Paulo* e *Estadão* -, a análise do material colhido nos dois portais de notícias, além dos resultados e discussões e os enquadramentos encontrados sobre o que se propôs a investigar.

5. ANÁLISE DAS REPORTAGENS SOBRE A TEMÁTICA DESIGUALDADE SOCIAL NOS PORTAIS *FOLHA DE S. PAULO* E *ESTADÃO*

Este capítulo se direciona para análise do enquadramento dado às reportagens sobre a temática desigualdade social na pandemia da Covid-19 nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*. Aqui, serão apresentados, de maneira mais detalhada, os observáveis, o corpus da pesquisa, os procedimentos metodológicos e a análise propriamente dita.

Primeiramente, é necessário pontuar que esta pesquisa possui caráter quanti-qualitativo. De acordo com Creswell (2010), a técnica quantitativa é aquela em que o investigador usa alegações para desenvolvimento de conhecimento – como raciocínio de causa e efeito, hipóteses e questões, teste de teorias –, e emprega estratégias de investigação – como coleta de dados, experimentos e levantamentos. Já a técnica qualitativa, segundo Creswell (2010), é quando o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base, principalmente, ou em perspectivas construtivistas – significados múltiplos de experiências individuais, por exemplo –, ou em perspectivas reivindicatórias – políticas orientadas para a questão ou colaborativas, por exemplo –, ou ambas. Nessa técnica, são utilizadas estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade.

Em relação à técnica de método quanti-qualitativo, que é a usada nesta pesquisa, Creswell (2010) explica que o pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de vários tipos de dados garante uma compreensão melhor do problema da pesquisa. No método misto, primeiro, é feito um levantamento amplo e, logo depois, se concentra em entrevistas qualitativas abertas, com o intuito de coletar visões detalhadas dos participantes.

Uma técnica de métodos mistos é aquela em que o pesquisador tende a basear as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos (por exemplo, orientado para consequência, centrado no problema e pluralista). Essa técnica emprega estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados também envolve a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, em instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, em entrevistas), de forma que o banco de dados final represente tanto informações quantitativas como qualitativas. (CRESWELL, 2010, p. 35).

Nesta pesquisa, é utilizada como técnica do método quanti-qualitativo a estratégia explanatória sequencial, que se caracteriza pela coleta e análise de dados quantitativos, seguida pela coleta e análise de dados qualitativos. Para Creswell (2010), esta técnica é fácil de ser

implementada porque ela segue estágios claros e distintos, além de possuir características que tornam fácil de descrever e relatar o material analisado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa a metodologia escolhida foi o enquadramento, que é abordado na perspectiva de Entman (1993), pois, segundo ele, enquadrar significa selecionar alguns aspectos da realidade e torná-los mais salientes de uma forma a ser comunicado no texto. Assim, o objetivo seria definir um problema, interpretar, fazer uma avaliação moral e uma recomendação de tratamento.

Entman (2003, p. 52) pontua que o problema é definido a partir dos quadros. Quadros, então, definem os problemas – determinam o que um agente causal está fazendo com quais custos e benefícios, geralmente medidos em termos de cultura comum e valores estruturais; diagnosticar as causas – identificar as forças que estão criando o problema; fazer julgamentos morais – avaliar os agentes causais e seus efeitos; e sugerir remédios – oferecer e justificar tratamentos para os problemas e seus prováveis efeitos.

Assim, os jornalistas, conscientemente ou não, ao decidirem o que dizer e como apresentar o fato ao público são guiados pelos quadros. O texto contém quadros, que se manifestam pela presença ou ausência de certas palavras-chaves, frases de estoque, imagens estereotipadas, fontes de informação e sentenças que fornecem agrupamentos de fatos ou julgamentos que reforçam temáticas. (ENTMAN, 1993, p. 52).

Por isso, conforme Reese (2001, p. 5), “*Frames* são princípios organizadores que são socialmente compartilhados e persistente ao longo do tempo, que funciona simbolicamente para estruturar de forma significativa o mundo social”. Ou seja, o enquadramento é um exercício de poder e afeta a compreensão individual e coletiva do mundo.

5.1 FOLHA DE S. PAULO E ESTADÃO: OS OBSERVÁVEIS

As matérias jornalísticas analisadas foram aquelas publicadas nos portais nacionais *Folha de S. Paulo* e *Estadão* na segunda quinzena de março de 2020 e de 2021. Os dois portais escolhidos estão situados em São Paulo, são provenientes de jornais impressos, pertencem a empresas de alta credibilidade tanto no mercado quanto para o público, estão entre os dez sites de notícias mais acessados do país, segundo a compilação do número de visitas pelas ferramentas Alexa, SimilarWeb e SemRush. Além disso, os dois sites compõem grupos de veículos de jornalismo de grande notabilidade no país, visto que esta pesquisa tem como intuito realizar uma análise da desigualdade social no webjornalismo à nível nacional, e não à nível local. Entende-se que a problemática da desigualdade social está presente não somente em uma

região, mas em todo o país. Contudo, vale ressaltar que esta pesquisa, embora apresente sites de notícias nacionais como observáveis, não ignora o fato de que, apesar da desigualdade social ser uma problemática nacional, há regiões em que este problema pode ser ou estar mais acentuado do que em outras regiões. Há desigualdades entre os desiguais e os graus de desigualdades dependem de uma série de fatores como classe, etnia, localização geográfica, entre outros.



Figura 8: Home dos portais Folha de S. Paulo e Estadão no dia 26 de dezembro de 2022 pelo mobile.

Tanto a *Folha de S. Paulo* como o *Estadão* ganharam popularidade através dos seus impressos. No caso da *Folha de S. Paulo*, em 19 de fevereiro de 1921, os jornalistas Olival Costa e Pedro Cunhal fundaram o jornal “Folha da Noite” que, posteriormente, ganhou mais duas edições: o “Folha da Manhã” e o “Folha da Tarde”. Em 1960, as três edições se fundiram e, a partir disso, surgiu o *Folha de S. Paulo*. Este impresso é referência em inovação no país. Em 1967, a Folha foi o jornal pioneiro na impressão offset em cores, usada em larga tiragem, e em 1971, foi o primeiro jornal a usar o sistema eletrônico de fotocomposição. Já em 1983, a Folha se tornou o jornal com a primeira redação informatizada na América do Sul.

Em 1995, o Grupo Folha lançou a FolhaWeb, a primeira iniciativa do Grupo Folha na internet. Em 1999, é lançado o Folha Online, o primeiro site com cobertura em tempo real. O portal de notícias passou por diversas transformações ao longo dos anos como em 2000, por exemplo, que ganhou a sua primeira versão em formato clássico de um site de notícias. Em 2010, o Folha Online mudou para Folha.com. Dois anos depois, o site passa a ter o nome do jornal – *Folha de S. Paulo* – e com a logo centralizada, uma forma da empresa de unificar as versões impressa e online.

Já o *Estado* é um pouco mais antigo no impresso e mais novo na versão on-line. O jornal foi fundado no dia 4 de janeiro de 1875 por um grupo de republicanos e levava o nome de “A Província de São Paulo”. Somente em 1890, o impresso recebeu a sua atual designação. O grupo jornalístico se expandiu e fundou o “Jornal da Tarde” e a “Agência Estado”. O site Estadao.com.br foi fundado em maio de 2000, após a fusão dos ‘sites’ da “Agência Estado”, “O Estado de S. Paulo” e do “Jornal da Tarde”. Três anos após a sua fundação, o portal de notícias superou a marca de um milhão de visitantes mensais e se consolidou como um dos principais veículos de jornalismo em tempo real do Brasil.

5.2 CORPUS DA PESQUISA

O recorte temporal ocorreu em três momentos: o primeiro na segunda quinzena de março de 2020, início da pandemia da Covid-19 no país e, consequentemente, das adoções de medidas restritivas para conter o avanço do novo coronavírus; o segundo na segunda quinzena de março de 2021, período em que ocorreu um novo aumento no número de casos da doença e mortes voltaram a subir somados ao colapso no sistema de saúde em algumas regiões do Brasil e ao surgimento de novas variantes do novo coronavírus, como a gama e delta; e o terceiro na segunda quinzena de março de 2022, quando a população adulta já completou o esquema de vacinação contra a doença, mas os casos positivados, mortes e internações devido à Covid-19 voltam a subir.

A decisão de definir o recorte temporal na segunda quinzena de março levou em consideração não só a caracterização da pandemia, mas também para evitar a interferência de datas importantes do calendário do país que, naturalmente, direcionam o jornalismo para outros assuntos como o Carnaval, a Semana Santa, entre outros. É de conhecimento público que estas datas comemorativas foram diretamente afetadas pela pandemia da Covid-19 e, praticamente, todas as festividades foram suspensas para evitar a disseminação do novo coronavírus.

Contudo, isto ocorreu de forma distinta por região do país e por ano. Em 2020, por exemplo, praticamente todas as festividades foram canceladas em todo o país. Contudo, com o avanço da vacinação, por exemplo, algumas festividades voltaram a ocorrer em 2021 e 2022.

Para evitar a intervenção destas datas comemorativas, seja em um recorte temporal ou em todos, foi escolhida a segunda quinzena de março para a coleta das reportagens. Assim, foram coletadas 13 reportagens (*confira na tabela abaixo*).

Tabela 1: reportagens coletadas nos portais Folha de S. Paulo e Estadão

Veículo de comunicação	Data	Títulos das reportagens
Folha de S. Paulo	23/03/2020	Pesquisador de Princeton sugere plano urgente para proteger trabalhadores mais pobres: 'Governo dá sinais de despreparo'
Folha de S. Paulo	24/03/2020	Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus
Folha de S. Paulo	28/03/2020	Favelas da região metropolitana do Rio criam movimento contra o coronavírus
Folha de S. Paulo	31/03/2020	Doações somam R\$ 500 milhões em dez dias na luta contra o coronavírus
Estadão	24/03/2020	Brasil acerta nas medidas no combate ao coronavírus, mas desigualdade preocupa, dizem especialistas

Estadão	23/03/2020	'A desigualdade social é grave e vai se agravar muito com a epidemia', diz especialista
Estadão	28/03/2020	Cerca de um milhão de paulistanos vivem em moradias superlotadas
Estadão	30/03/2020	Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraísopolis
Folha de S. Paulo	19/03/2021	Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020
Folha de S. Paulo	20/03/2021	Desigualdade digital aprofunda efeito do isolamento social no comércio do Nordeste
Folha de S. Paulo	27/03/2021	Doações para vulneráveis caem no momento mais crítico da pandemia
Estadão	16/03/2021	Bird e FMI querem suspensão de dívida de países pobres até o fim do ano devido à covid
Estadão	29/03/2021	Com agravo da pandemia, saiba como fazer doação para ajudar no combate à fome

5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da análise do corpus da pesquisa apresentado no tópico anterior, os procedimentos foram conforme os trabalhados sob a perspectiva de Entman (1993): seleção e destaque; uso de elementos destacados para estruturar o argumento sobre problemas e sua causa; definição particular do problema; interpretação causal; avaliação moral e recomendação de tratamento. Cada procedimento citado trata-se de um elemento que apresenta variáveis analíticas de conteúdo. Esses elementos, quando se agrupam sistematicamente de uma forma específica, conforme Matthes e Kohring (2008), formam um padrão que pode ser identificado nos textos de uma amostra e que é denominado como moldura. Ou seja, cada quadro é caracterizado por um padrão específico de variáveis e as molduras não são previamente identificadas nem codificadas diretamente com uma única variável.

A seleção foi o primeiro procedimento a ser adotado. Foi o momento em que as webreportagens sobre desigualdade social foram escolhidas. O processo de seleção das reportagens foi feito através da ferramenta de busca dos dois portais de notícias. Foram colocadas as palavras-chaves “desigualdade social” e “coronavírus”, além do estabelecimento de datas dos recortes temporais (16/03 a 31/03 de 2020, 2021 e 2022), e coletadas as reportagens que surgiram após esse procedimento.

Ao longo do processo de coleta de reportagens, foram testadas diversas palavras-chaves nos sistemas de buscas dos sites, como “Covid-19”, “SARS-CoV-2”, “pandemia”, “desigualdade”, “novo coronavírus”, entre outros. Contudo, observou-se que com a aplicação das palavras “desigualdade social” e “coronavírus”, foi obtido o maior número de reportagens sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 e, por este motivo, foram escolhidas elas como as palavras-chaves a serem utilizadas na seleção do *corpus* da pesquisa.

Vale ressaltar que foram desconsiderados artigos de opiniões, crônicas, charges e outros gêneros textuais e jornalísticos durante a seleção, pois o objetivo desta pesquisa é analisar as reportagens. A reportagem, segundo Gonçalves, Santos e Renó (2015), é um gênero jornalístico que surgiu em um contexto da imprensa moderna, do capitalismo e da mecanização dos processos de produção. Segundo os autores, trata-se de um gênero narrativo.

Mas, ao narrar também descreve e argumenta, ou seja, não há narrativa pura na reportagem; a passagem de tempo anterior/tempo posterior, própria da narrativa, vem acompanhada de elementos próprios da descrição e da dissertação e, com essa mescla de tipologias a reportagem informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números, desvenda processos. (GONÇALVES; SANTOS; RENÓ; p. 225, 2015).

Em seguida, foram destacados os elementos que demonstram o enquadramento dado à temática no produto jornalístico, que podem ser termo, disposição de informações, omissões ou destaques sobre a temática da desigualdade social e entre outros recursos, como imagens, vídeos e áudios que estejam presentes nos produtos jornalísticos escolhidos.

Os demais procedimentos serão caracterizados sob a perspectiva de Matthes e Kohring (2008, p.264). Para os autores, a definição de problema pode consistir em uma questão e atores relevantes que discutem o problema. A temática desigualdade social esteve presente nas reportagens da *Folha de S. Paulo* e do *Estadão*? Quais sentidos foram gerados com os enquadramentos dados a elas? Esses são uns dos questionamentos que a pesquisa se propôs a investigar e que compõem a definição de problema da análise.

Já a interpretação causal é uma atribuição de fracasso ou sucesso em relação a um resultado específico. A avaliação pode ser positiva, negativa ou neutra e pode referir-se para objetos diferentes. No caso desta pesquisa, a avaliação é em torno dos enquadramentos dados ao material coletado de cada observável para que, em seguida, seja feito um comparativo entre os resultados. Por fim, vem a recomendação de tratamento, que pode incluir uma chamada a favor ou contra uma determinada ação. Ou seja, são apontamentos que vão em acordo ou desacordo aos enquadramentos dados às notícias ou reportagens sobre a temática da desigualdade social nos dois observáveis.

Além desses procedimentos, utilizou-se para a coleta de informações quantitativas sobre o *corpus* da pesquisa o Iramuteq, um software gratuito de código fonte aberto, licenciado por GNU GPL (v2), que utiliza o ambiente estatístico do software R (SALVIATI, 2017). O Iramuteq tem como objetivo preparar dados e escrever scripts que são analisados pelo R. Para esta análise, o software foi usado para a identificação da quantidade e frequência média de palavras nas reportagens coletadas nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*.



Figura 9: página inicial do Iramuteq

Foram colhidos de cada uma das 13 reportagens o número de ocorrências, que é o número total de palavras no texto, e a frequência de formas ativas, que são as palavras principais encontradas nos textos. As formas ativas usadas foram: substantivo e adjetivo. Em seguida, foram coletadas as dez palavras principais com maiores frequências encontradas no corpus – conjunto de textos construídos pelo pesquisador e que forma o objeto de análise (SALVIATI, 2017) – de cada recorte temporal de cada veículo de comunicação. Ou seja, foram colhidas as palavras com maiores frequências dos seguintes grupos:

- **Grupo A** – reportagens da Folha de S. Paulo publicadas entre 16 de março e 31 de março de 2020
- **Grupo B** – reportagens da Estadão publicadas entre 16 de março e 31 de março de 2020
- **Grupo C** – reportagens da Folha de S. Paulo publicadas entre 16 de março e 31 de março de 2021
- **Grupo D** – reportagens da Estadão publicadas entre 16 de março e 31 de março de 2021

Não há material jornalístico de março de 2022 porque não foram encontradas reportagens que se encaixassem nos pré-requisitos para a coleta do *corpus* da pesquisa. Isso porque a doença perdeu o protagonismo no jornalismo, devido ao avanço da campanha de vacinação em todo o país e a diminuição de casos graves. Além disso, outras temáticas passaram a ser destaque na imprensa internacional como, por exemplo, as eleições presidenciais que ocorreram neste mesmo ano referido. De todo modo, a ausência de reportagens sobre a temática da desigualdade social evidenciou uma certa inviabilização da problemática. Apesar da pandemia ter sido amenizada, as consequências dela ainda eram presentes em 2022, como ainda são em 2023 e,

por este motivo, a temática da desigualdade social deveria ser ainda abordada nos dois meios de comunicação.

No próximo tópico, serão apresentados os resultados obtidos através da análise dos dados quantitativos e qualitativos do corpus, investigação que irá proporcionar a constatação dos enquadramentos dados às reportagens com a temática “desigualdade social” nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*.

5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos esse tópico com a apresentação dos dados quantitativos coletados pelo software Iramuteq. Primeiramente, o que se notou é que as reportagens coletadas não possuem um tamanho padrão. O número de ocorrências – número total de palavras no texto - variou entre 484 e 2042, o que revela que, dentro do *corpus*, há reportagens que apresentam uma extensão maior que as outras, ou seja, o tamanho das reportagens não é uniforme.

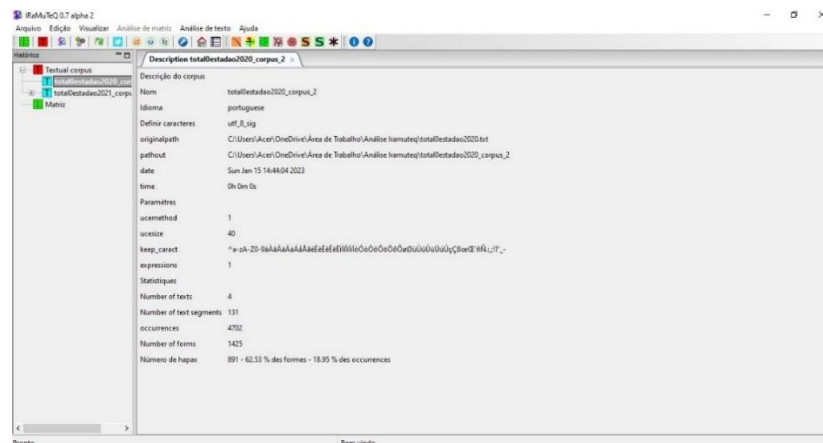


Figura 10: processo de obtenção do número de ocorrências de um texto no Iramuteq

Forma	Freq	Tipos
inlo	65	adv
mais	32	adv
case	30	nom
como	28	adv
case	23	nom
medida	23	nom
jk	22	adv
país	21	nom
pesoa	21	nom
epidemia	20	nom
quando	17	adv
também	17	adv
gilson	16	nom
muito	16	adv
saúde	16	nom
filho	15	nom
isolamento	15	nom
população	15	nom
vírus	15	nom
sociol	14	adj
viver	14	ver
ao	13	adv
coronavirus	13	nr
assim	12	adv
baixo	12	nom
depois	12	adv
desigualdade	12	nom
distância	12	nom
favela	12	nom

Figura 11: obtenção da frequência de palavras no Iramuteq

No primeiro recorte temporal – entre 16 e 31 de março de 2020 – foram coletadas o maior número de reportagens que envolvem a temática da desigualdade social na pandemia da Covid-19. Foram quatro reportagens da *Folha de S. Paulo* e quatro do *Estadão*. Na *Folha de S. Paulo*, as palavras mais frequentes nos textos jornalísticos analisados remetem ao aspecto financeiro, público e social (veja na tabela abaixo). Vale pontuar que os aspectos designados às palavras mais frequentes em cada grupo se deu através da interpretação de texto feita em todas as reportagens analisadas, levando em consideração o sentido da palavra no contexto em que ela está inserida.

Tabela 2: palavras mais frequentes nas reportagens da *Folha de S. Paulo* entre 16 e 31 de março de 2020

Palavras	Frequência
Milhão	31
Real	28
Família	24
Pessoa	22
Renda	21
Governo	20
Social	20
Pobre	19
População	19
Brasil	18

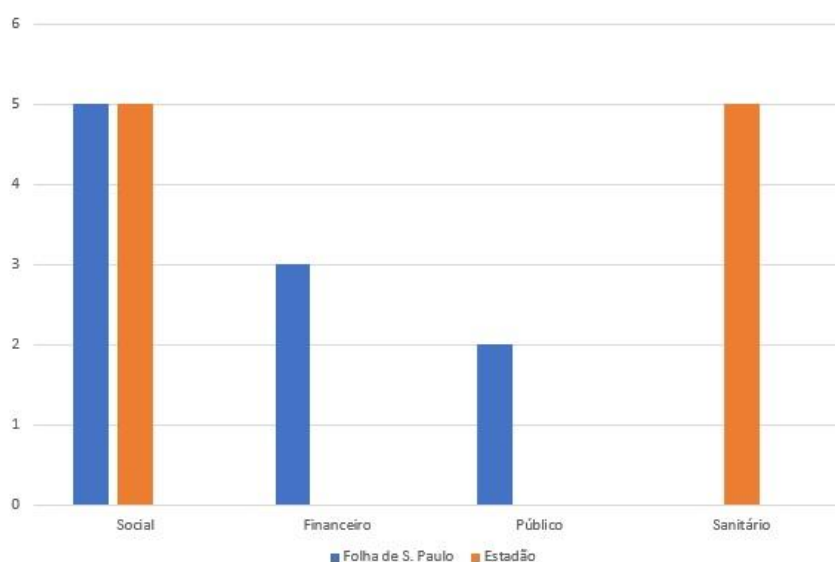
Já nas reportagens do *Estadão*, as palavras remetem ao aspecto social e sanitário (veja na tabela abaixo). Há, somente, duas palavras em comum entre os dois veículos de comunicação: pessoa e população.

Tabela 3: palavras mais frequentes nas reportagens da *Estadão* entre 16 e 31 de março de 2020

Palavras	Frequência
Caso	30

Casa	23
Medida	23
País	21
Pessoa	21
Epidemia	20
Saúde	16
Filho	15
Isolamento	15
População	15

Gráfico 1: frequência de palavras das categorias social, financeiro, público e sanitário nas reportagens dos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão* entre 16 e 31 de março de 2020



No segundo recorte temporal – entre 16 e 31 de março de 2021 -, foram coletadas três reportagens da *Folha de S. Paulo* e duas do *Estadão*. Nas reportagens da *Folha*, as palavras mais frequentes (confira na tabela abaixo) remetem ao aspecto social, comercial e público, enquanto nas reportagens do *Estadão* prevalece palavras de cunho financeiro e social (veja na tabela abaixo). Comparando as duas tabelas, nota-se que as palavras mais frequentes em comum encontradas nos dois meios de comunicação foram: pandemia e ano.

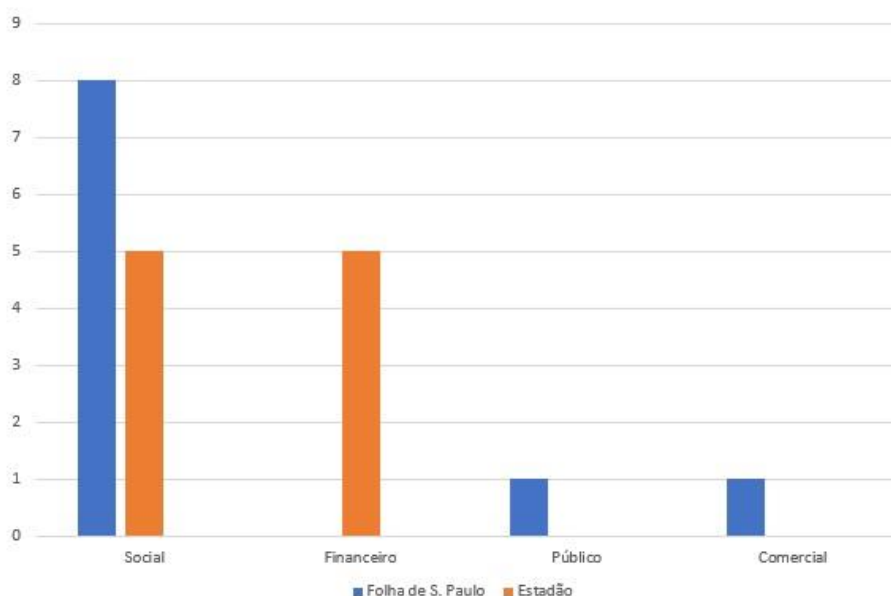
Tabela 4: palavras mais frequentes nas reportagens da *Folha de S. Paulo* entre 16 e 31 de março de 2021

Palavras	Frequência
Pandemia	25
Ano	17
Loja	17
Morte	17
Negro	16
Pessoa	14
Grupo	13
Vulnerável	13
Estado	12
Rede	12

Tabela 5: palavras mais frequentes nas reportagens da *Estadão* entre 16 e 31 de março de 2021

Palavras	Frequência
País	17
Programa	9
Dívida	8
Ano	7
Forma	7
Caso	6
Pobre	5
Pandemia	5
Internacional	5
Iniciativa	5

Gráfico 2: frequência de palavras das categorias social, financeiro, público e comercial nas reportagens dos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão* entre 16 e 31 de março de 2021

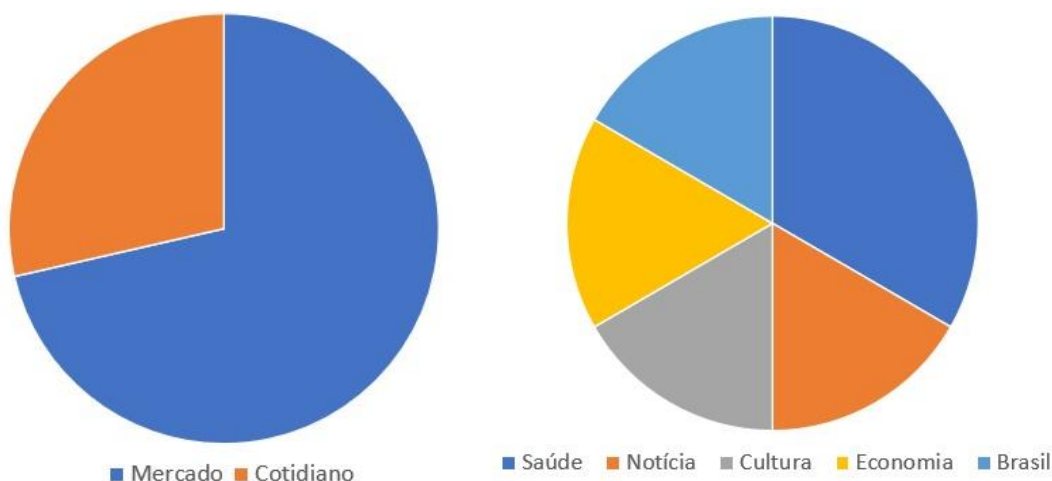


Após a coleta de dados quantitativos através do software Iramuteq, realizou-se a coleta de informações de outras naturezas como, por exemplo, as editorias onde estão inseridas as reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa. As editorias, segundo Granez e Carvalho (2021), podem ser caracterizadas como formas de organização da realidade, como uma expressão de alcance territorial das empresas jornalísticas, ou até como estruturas híbridas entre a imprensa e o webjornalismo. A editoria não deixa de ser um resquício do jornalismo impresso e que, apesar do webjornalismo ser esse espaço mutável e transformador, adotou sistemas de organização de informações de outros meios como a própria editoria.

Na *Folha de S. Paulo*, as reportagens escolhidas da segunda quinzena de março de 2020 estão inseridas nas editorias Mercado (2) e Cotidiano (2). Isso reflete nas palavras com maior frequência nessas reportagens, que giram em torno das áreas financeira, pública e social. Já os produtos de 2021 deste meio de comunicação estão somente em Mercado (3), embora as palavras mais frequentes dessas reportagens sejam de cunho social. No *Estadão*, as reportagens coletadas de 2020 foram encontradas nas seguintes editorias: saúde (2), notícia (1) e cultura (1). Vale lembrar que as palavras mais frequentes dessas reportagens coletadas apresentam cunho sanitário e social, o que justifica as editorias escolhidas. Em 2021, as reportagens estavam nas editorias Economia (1) e Brasil (1), o que explica as palavras mais frequentes delas girarem em

torno da área financeira e social. Nota-se que, no *Estado*, as editorias dos produtos coletados são mais diversificadas e não há repetições se comparado entre 2020 e 2021, como acontece na *Folha de S. Paulo*, em que a editoria Mercado prevalece.

Gráfico 3: distribuição de editorias nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estado*



Outro aspecto observado foi a presença de elementos multimídias, visto que tratam de webreportagens e que a utilização desses mecanismos é primordial no jornalismo para web. Vale ressaltar que o principal elemento multimídia de uma webreportagem é o próprio texto pois, segundo Salaverría (2014, p. 33), ele “atua como elemento de contextualização e de documentação por excelência”, informando o leitor sobre os aspectos essenciais da informação, ao mesmo tempo que se apresenta como um caminho mais eficaz para o oferecimento de dados complementares.

Em todas as reportagens analisadas verificou-se a presença de hiperlinks, um dos elementos-chaves no webjornalismo. Para Padilha (2010), o hiperlink tem como função ampliar a informação, agregando valor à notícia. Se o leitor explorar essas hiperligações, ele aprofunda o conhecimento. Os links são inseridos, conforme Salaverría (2014), em palavras que apresentam uma forte ligação semântica ao bloco de destino. A possibilidade do internauta em navegar para outros blocos informativos é resultado de uma leitura não-linear proporcionada pela web e que foi bastante explorada pelos dois veículos de comunicação que compõem o *corpus* da pesquisa.

19.mar.2021 às 23h15

Cláudia Collucci

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto

A-

A+

SÃO PAULO A [Covid-19](#) foi muito mais mortífera entre [pessoas negras](#) do que entre as brancas no estado de São Paulo ao longo de 2020, quando 46,7 mil pessoas morreram em decorrência da doença no território paulista, mostra um estudo inédito da Vital Strategies com apoio do Afro-Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

Os dados colocam São Paulo, onde 40% da população é negra (preta ou parda), na liderança da [desigualdade racial](#) no país durante a pandemia de Covid-19 e extrapolam disparidades já existentes.

Figura 12: Presença de hiperlinks na reportagem da *Folha de S. Paulo* publicada no dia 19 de março de 2021.

Contudo, outros elementos multimídias não foram tão explorados quanto os hiperlinks. Nas reportagens coletadas, 12 delas apresentaram somente fotografias. Para Salaverría (2014, p. 34), a fotografia pode assumir diversos formatos.

Além das fotografias isoladas que acompanham os textos, na internet é possível publicar tantas imagens quantas se deseje graças às galerias fotográficas. Também é possível jogar com a dimensão das imagens; é frequente as publicações digitais oferecerem fotografias em vários tamanhos: um inicial em miniatura, com a possibilidade de ampliação posterior em ecrã completo.

Em uma reportagem da *Folha de S. Paulo*, coletada em 19 de março de 2021, há ainda um gráfico. Salaverría (2014) explica que tanto os gráficos como a iconografia em um todo e as ilustrações estatísticas funcionam como sinais de tráfego, orientando o leitor sobre os itinerários que podem ser escolhidos e sobre as ações que pode realizar. Além desses elementos, Salaverría (2014) cita outros que podem ser usados em um produto jornalístico para web como vídeo, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros e vibração. Contudo, estes mecanismos não devem ser utilizados de forma aleatória, mas através de critérios. São eles: compatibilidade, complementaridade, ausência de redundância, hierarquização, ponderação e adaptação.

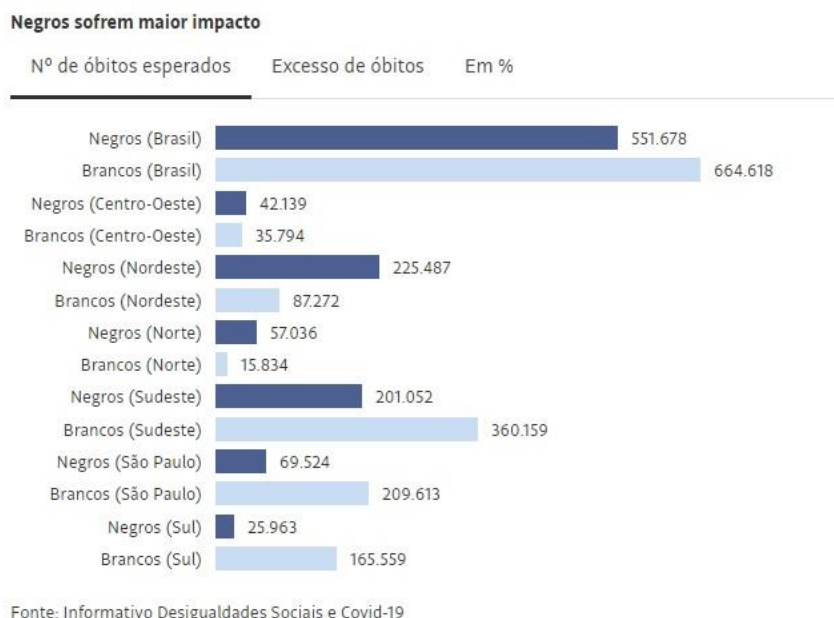


Figura 13: gráfico apresentado na reportagem “Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020”, publicada dia 19 de março de 2021 no site *Folha de S. Paulo*.

Nas reportagens selecionadas, muitas delas caberiam a utilização de outros elementos multimídias, principalmente naquelas que trazem muitos dados como, por exemplo, a reportagem da *Folha de S. Paulo* intitulada “Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus” e publicada no dia 24 de março de 2020, que traz números do IBGE sobre favelas em várias capitais do país. A colocação desses dados em tabelas, por exemplo, poderia dispor de forma mais didática e fácil os números.

Em relação às favelas, o último Censo do IBGE mostrou que o Brasil tinha aproximadamente 12 milhões de pessoas (6% da população) morando em 6.329 “aglomerados subnormais” em 323 municípios.

Metade dessas moradias fica no Sudeste —sendo 23% em São Paulo e 19% no Rio de Janeiro. Belém era a capital brasileira com a maior proporção de pessoas residindo em favelas: 54,5%, ou mais da metade da população. Salvador (33%), São Luís (23%) Recife (23%) e o Rio (22%) vinham a seguir.

Figura 14: Trecho da reportagem da *Folha de S. Paulo* intitulada como “Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus” e publicada no dia 24 de março de 2020.

Salaverría (2014, p. 22) pontua que um dos fatores que o sucesso do webjornalismo depende é a “qualidade dos conteúdos, sendo obrigatórios que estes tirem o máximo partido das diversas características do meio”. Desse modo, a não utilização de outros elementos multimídia nas reportagens analisadas revela a não-exploração do universo da web e, consequentemente, o desperdício de chances em utilizar esses mecanismos que ilustrariam e até complementaríamos as informações presentes no texto.

Após a observação desses elementos, partimos para as categorias de análise do enquadramento (definição do problema, interpretação causal, avaliação moral e recomendação de tratamento). A apresentação dos resultados é através do meio de comunicação e recorte temporal:

a) Março de 2020 – *Folha de S. Paulo*

Tabela 6: análise do enquadramento das reportagens da *Folha de S. Paulo* coletadas em março de 2020

Título	Pesquisador de Princeton sugere plano urgente para proteger trabalhadores mais pobres: 'Governo dá sinais de despreparo'	Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus	Favelas da região metropolitana do Rio criam movimento contra o coronavírus	Doações somam R\$ 500 milhões em dez dias na luta contra o coronavírus
Publicação	23/03/2020	24/03/2020	28/03/2020	31/03/2020
Editoria	Mercado	Mercado	Cotidiano	Cotidiano
	A reportagem trata sobre um plano desenvolvido por um pesquisador para frear a desigualdade social no país e proteger a população mais pobre durante a pandemia.	A reportagem trata sobre a criação de um fundo por empresários para a distribuição de cesta	A reportagem trata sobre um movimento que consiste na união de quatro organizações para a	A reportagem trata sobre bancos, institutos e empresas que doaram recursos para a área da saúde (ampliação da

Definição de problema		básicas em comunidades carentes durante a pandemia da Covid-19.	arrecadação e distribuição de produtos de higiene e alimentos para pessoas que moram em comunidades em São Gonçalo (RJ).	infraestrutura hospitalar, ampliação dos leitos, auxílio no tratamento de infectados e entre outros) e para populações vulneráveis no início da pandemia da Covid-19.
Interpretação causal	Uso de termos que reforçam a crise acarretada pelo novo coronavírus como “recessão causada pelo coronavírus” e de termos que atribuem sucesso às sugestões do especialista como “a proteção aos mais pobres ajudaria também a garantir estabilidade política” e “priorizar imediatamente o que pode ser feito para proteger o terço mais pobre da população”.	Uso de termos que reforçam o caráter de sucesso dado à ação feita pelos atores sociais referidos na reportagem como “ajudar no combate à fome e à Covid-19”.	Uso de termos que reforçam o caráter de sucesso dado às doações feitas pelos atores sociais referidos na reportagem como “atravessar a crise provocada pela Covid-19”,	Uso de termos que reforçam o caráter de sucesso dado às doações feitas pelos atores sociais referidos na reportagem como “solidariedade acesa”, “fazer frente à pandemia”, “filantropia brasileira”, “cultura da doação” e “sociedade civil unida”.

Avaliação moral	A desigualdade social foi agravada pelo novo coronavírus e o plano de proteção social apresentado pelo especialista é visto como um caminho para resolver o problema, visto que o governo não toma medidas necessárias.	As doações são tratadas como um mecanismo de minimizar os impactos da pandemia na população mais vulnerável.	As doações são tratadas como um mecanismo de minimizar os impactos da pandemia na população mais vulnerável.	As doações são tratadas como mecanismos utilizados para minimizar o impacto do novo coronavírus na sociedade. É ressaltado em alguns momentos o ‘espírito’ de solidariedade e união na pandemia da Covid-19.
Recomendação de tratamento	A proteção social é trabalhada na reportagem como um dos caminhos para o combate à desigualdade social durante a pandemia, visto que a falta dela representa um risco maior às contas públicas a partir de uma recessão que pode ocasionar uma depressão econômica.	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato da ação.	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato das doações que estão sendo organizadas e como o leitor pode ajudar.	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato de uma onda de doações ocorridas no início da pandemia.

Através da **definição de problema**, é possível observar que as quatro reportagens coletadas na segunda quinzena de março de 2020 no portal *Folha de S. Paulo* tratam sobre medidas que podem ser ou que estão sendo adotadas para amenizar às desigualdades sociais durante a pandemia da Covid-19. Nos quatro casos, os principais atores envolvidos são os responsáveis por contribuírem - de forma direta ou não – para que as desigualdades sociais sejam minimizadas. São eles: pesquisadores, empresas, instituições e movimentos de arrecadação de mantimentos para pessoas mais carentes. De acordo com Santos, Rego e Palacios (2021), a busca pela redução das desigualdades dentro das sociedades não é uma questão ideológica, mas sim ética, pois todos os seres humanos têm direito a uma vida digna. Afinal, quanto maior a desigualdade, mais criminalidade, mais violência, menos felicidade e menos confiança (OXFAM, 2022).

Nas quatro reportagens, notou-se que a **interpretação causal** é de sucesso em relação às medidas sugeridas ou adotadas pelos principais atores sociais. É unânime nos quatro produtos jornalísticos analisados que a crise econômica que assolava o país naquele momento era ocasionada pela pandemia da Covid-19. Além disso, percebe-se que das quatro reportagens, três delas tratam sobre doações e têm caráter influenciador de boas ações e esperançoso. Na reportagem intitulada “Doações somam R\$ 500 milhões em dez dias na luta contra o coronavírus”, por exemplo, é relatado pelo jornalista que, em meio a um cenário tenebroso, ocorre um aumento de doações durante este período e, conseqüentemente, isso acarreta na construção de um olhar otimista em relação à pandemia, com o fortalecimento da “cultura da doação” e a união da sociedade civil para ajudar os mais pobres.

A **avaliação moral** em todas as reportagens é positiva em relação às medidas sugeridas e/ou tomadas pelos principais atores sociais. Mas aspectos negativos também são ressaltados como, por exemplo, na reportagem intitulada “Pesquisador de Princeton sugere plano urgente para proteger trabalhadores mais pobres: 'Governo dá sinais de despreparo’”, apesar do plano do cientista ser informado de forma positiva, é relatado na reportagem críticas do pesquisador em relação ao governo brasileiro diante da pandemia da Covid-19.

Por último, observou-se que somente na reportagem “Pesquisador de Princeton sugere plano urgente para proteger trabalhadores mais pobres: 'Governo dá sinais de despreparo’” é que houve uma **recomendação de tratamento**. Apesar de, em todas as reportagens, as interpretações causais e as avaliações morais serem positivas, não foi detectado nas outras três

reportagens uma chamada a favor ou contra uma determinada ação, somente o relato do acontecimento.

b) Março de 2020 – Estadão

Tabela 7: análise do enquadramento das reportagens da *Estadão* coletadas em março de 2020

Título	Brasil acerta nas medidas no combate ao coronavírus, mas desigualdade preocupa, dizem especialistas	'A desigualdade social é grave e vai se agravar muito com a epidemia', diz especialista	Cerca de um milhão de paulistanos vivem em moradias superlotadas	Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraisópolis
Publicação	23/03/2020	23/03/2020	28/03/2020	30/03/2020
Editoria	Saúde	Saúde	Notícia	Cultura
Definição de problema	A reportagem trata sobre a perspectiva de especialistas sobre medidas adotadas pelo Brasil para evitar a disseminação do novo coronavírus que podem não surtir efeito devido à desigualdade social. Faz-se um	A reportagem trata sobre a percepção de um especialista sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil. Ele afirma que a desigualdade social irá se agravar	A reportagem trata sobre o número de pessoas que moram em locais superlotados no Estado de São Paulo em 2018 e como tal problema dificulta a adoção de	A reportagem trata sobre a história de Gilson Rodrigues, presidente da associação dos moradores do bairro Paraisópolis (SP) e como ele está combatendo o

	comparativo com as medidas implementadas por outros países.	durante a pandemia.	medidas para coibir a disseminação do novo coronavírus.	novo coronavírus na região para proteger a população.
Interpretação causal	Uso de termos que reforçam a preocupação com a desigualdade social na adoção de medidas para coibir a disseminação da Covid-19 como “A profunda desigualdade social, no entanto, pode se transformar no maior entrave à eficácia da estratégia” e “se o problema não for levado em conta, explicam, as medidas não surtirão o efeito desejado”.	Uso de termos que denunciam a situação da pandemia da Covid-19 no Brasil e como a desigualdade social irá se agravar como “estamos atrasados na adoção de medidas para o combate à epidemia do novo coronavírus”, “a desigualdade social do país é um sério agravante”, “a desigualdade social do nosso país é o mais grave	Uso de termos que reforçam que a superlotação nas moradias prejudica o combate ao novo coronavírus como “o excesso de pessoas na residência é uma barreira ao isolamento” e “deve acelerar a transmissão do novo coronavírus nesses lugares”.	Uso de termos e trechos que reforçam o papel de Gilson Rodrigues em coibir o avanço do vírus como “tenta frear o avanço da Covid-19 em uma favela com 100 mil habitantes” e “organizador de Paraisópolis ainda viabiliza em duas escolas da região uma espécie de centro de acolhimento para as pessoas, da

		problema de saúde pública”.		comunidade, que apresentarem os sintomas”.
Avaliação moral	A reportagem trata como crucial a resolutividade da desigualdade social para o combate à pandemia da Covid-19.	São feitas duras críticas ao atual governo do país diante da pandemia da Covid-19 por parte do especialista, que fala sobre o que deve ser feito para tentar barrar o avanço do novo coronavírus.	A reportagem aponta a superlotação de moradias em São Paulo como um problema a ser enfrentado para evitar a disseminação do novo coronavírus.	As ações tomadas por Gilson Rodrigues, mesmo não aprofundadas na reportagem, são reconhecidas como mecanismos para coibir a disseminação do novo coronavírus. Portanto, a temática central da reportagem é dada como positiva.
	A reportagem recomenda que a temática desigualdade social seja levada em consideração	Não há uma recomendação de tratamento propriamente dita, mas o relato dos	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato do problema.	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato do trabalho do presidente da

Recomendação de tratamento	para que as medidas adotadas em combate ao novo coronavírus sejam eficazes.	problemas a avaliação em relação a eles.		associação dos moradores de Paraisópolis para conter o avanço do novo coronavírus.
-----------------------------------	---	--	--	--

No *Estadão*, a **definição de problema** das reportagens é mais diversificada. As duas reportagens da editoria Saúde tratam sobre a perspectiva de especialistas diante das medidas tomadas pelo governo brasileiro durante a pandemia da Covid-19. Os atores sociais principais nesses dois produtos são o governo brasileiro e os cientistas. Já na reportagem intitulada “Cerca de um milhão de paulistanos vivem em moradias superlotadas”, o foco são pessoas que residem em moradias precárias e que, conseqüentemente, possuem dificuldades em cumprir as medidas sanitárias contra o novo coronavírus. Nesse caso, os atores sociais principais são as próprias pessoas em situação de vulnerabilidade. Na última reportagem, o assunto principal é um líder comunitário, que tenta amenizar a pandemia da Covid-19 em sua comunidade. O ator social principal deste produto é o próprio líder. Nota-se que, pela primeira vez, observou-se uma reportagem em que o foco são as pessoas acometidas pela desigualdade social.



Figura 15: capa da reportagem “Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraisópolis”, publicada no Estadão no dia 30 de março de 2020.

Em relação à **interpretação causal**, verificou-se que, das quatro reportagens, em três delas foi dada uma atribuição de fracasso. Nas duas primeiras reportagens, há uma preocupação em relação ao cenário da pandemia no Brasil visto que a desigualdade social no país se encontra em ascensão e as medidas para coibir o avanço do novo coronavírus não são suficientes. A terceira reportagem também apresenta um caráter negativo e, ao mesmo tempo, denunciativo, pois alerta sobre a situação de pessoas em moradias precárias no Estado de São Paulo. Isso acontece porque a mídia tende a concentrar em histórias onde há conflito, ou seja, onde dois lados podem ser colocados um contra o outro. Conforme Vreese (2012), a presença de conflito é critério essencial para que uma história se transforme em notícia não só porque “vende”, mas também para atender a padrões profissionais de equilíbrio.

O quadro de conflito é fundamental no jornalismo de notícias políticas. Um ponto importante da “descrição do enquadramento” para jornalistas está na decisão de quais estruturas escolher, quais negligenciar e quais justapor dentro do quadro de conflito. A apresentação e, às vezes, a ênfase adicional na contestação é um modelo jornalístico e um dos quadros jornalísticos mais importantes. (VREESE, 2012, p. 369, TRADUÇÃO NOSSA)¹⁴.

Contudo, na quarta reportagem, intitulada “Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraisópolis”, a interpretação causal é de sucesso, pois destaca somente o trabalho desenvolvido pelo ator social para coibir o avanço do novo coronavírus em sua comunidade, também localizada em São Paulo.

A **avaliação moral** nas reportagens “Brasil acerta nas medidas no combate ao coronavírus, mas desigualdade preocupa, dizem especialistas”, “‘A desigualdade social é grave e vai se agravar muito com a epidemia’, diz especialista” e “Cerca de um milhão de paulistanos vivem em moradias superlotadas” é negativa, enquanto que, na última reportagem, é positiva. Por fim, somente na reportagem “Brasil acerta nas medidas no combate ao coronavírus, mas desigualdade preocupa, dizem especialistas” foi detectada uma **recomendação de tratamento**, que é a de priorizar a resolutividade da desigualdade social durante a pandemia no país. Expressões como “A profunda desigualdade social, no entanto, pode se transformar no maior entrave à eficácia da estratégia” e “a epidemia então se abaterá com muita força, sobretudo na população mais carente” evidenciaram a recomendação de tratamento. Nas demais, não foi

¹⁴ The conflict frame is key in political news journalism. A major point of “framing discretion” for journalists lies in the decision of which advocacy frames to pick up on, which to neglect, and which to juxtapose within the conflict frame. The presentation of and sometimes additional emphasis on contestation is a journalistic template and one of the most important journalistic news frames.

verificada uma chamada a favor ou contra uma determinada ação, somente o relato do acontecimento.

c) Março de 2021 – Folha de S. Paulo:

Tabela 8: análise do enquadramento das reportagens da *Folha de S. Paulo* coletadas em março de 2021

Título	Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020	Desigualdade digital aprofunda efeito do isolamento social no comércio do Nordeste	Doações para vulneráveis caem no momento mais crítico da pandemia
Publicação	19/03/2021	20/03/2021	27/03/2021
Editoria	Mercado	Mercado	Mercado
Definição de problema	A reportagem trata sobre o registro de mais mortes de negros do que brancos em 2020 por Covid-19 no Estado de São Paulo. Isso pôde ser constatado através de um estudo e principal motivo é a desigualdade social.	A reportagem trata sobre a desigualdade digital entre as regiões do país e, como o Nordeste apresenta a menor cobertura de internet, o isolamento social e outras medidas de contenção do coronavírus atrapalham o comércio no Nordeste.	A reportagem trata sobre o baixo número de doenças para as populações mais vulneráveis no início de 2021 mesmo com o retorno do agravamento da pandemia da Covid-19.
	Uso de termos que atestam a desigualdade	Uso de termos que reiteram o baixo	Uso de termos que reforçam que

Interpretação causal	como principal motivo para o número de mortes de negros por Covid-19 ser maior que o de mortes de brancos como “o impacto das disparidades sociais na perda de saúde da população negra pobre é muito conhecido” e “a pandemia revela de forma mais contundente a histórica desigualdade racial”.	acesso à internet no Nordeste como um entrave para adoção de medidas que combatam o novo coronavírus como “desafios adicionais para as redes de varejo no Nordeste na fase mais crítica da pandemia”, “efeito da disparidade digital” e “essa realidade dificulta a digitalização dos negócios”.	as doações ainda são insuficientes para amenizar impactos gerados pelo novo agravamento da pandemia da Covid-19 como “o país acreditou que o vírus estava sendo contido”, “a demanda por ajuda cresce, mas ainda sem o apoio de antes” e “nova rodada pela busca de recursos e doações”.
Avaliação moral	A população negra está mais suscetível a contrair o novo coronavírus porque apresenta condições de vida precária e menos acesso aos serviços de saúde, por exemplo. A desigualdade, seja ela social ou racial, causa essa discrepância de mortes entre negros e brancos.	O comércio da Região Nordeste apresenta uma dificuldade a mais que nas outras regiões que é a baixa cobertura de internet. Assim, o comércio local depende ainda mais das vendas presenciais. A reportagem reforça a importância do	As doações para a população mais carente são de suma importância nesse novo momento de agravamento da pandemia. A reportagem, nesse sentido, tenta conscientizar o leitor sobre a relevância desses

		auxílio emergencial – dado à população mais vulnerável durante a pandemia – para o aumento das vendas do comércio.	atos de solidariedade.
Recomendação de tratamento	A recomendação de tratamento é a priorização da vacinação da população mais vulnerável. É dado como exemplo um mapeamento realizado por pesquisadores UFMG das populações mais vulneráveis a partir de um índice de vulnerabilidade em saúde (IVS).	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato do problema.	A reportagem traz uma recomendação sobre a importância das doações.

As reportagens coletadas no portal Folha de S. Paulo na segunda quinzena de março de 2021 possuem temáticas distintas. Através da **definição de problema**, é possível verificar que a primeira reportagem trata sobre a desigualdade entre negros e brancos, visto que os negros morrem mais por Covid-19 que os brancos no Estado de São Paulo. O ator social principal é o negro, ou seja, a pessoa de vulnerabilidade social. A reportagem trata somente do contexto de São Paulo, mas, o relatório da Oxfam (2022) aponta que, no país, os negros são 1,5 mais propensos a morrer de Covid-19 do que os brancos. Além disso, o levantamento pontua que uma pessoa afrodescendente que possui baixo nível de educação e alfabetismo tem quase quatro vezes mais chances de morrer do que uma pessoa afrodescendente com ensino superior.

A segunda reportagem tem como foco a dificuldade do comércio na região Nordeste por conta das medidas adotadas para coibir o avanço do novo coronavírus. Os atores principais são os empreendimentos da região. Percebe-se que esta é a primeira reportagem que tem um olhar voltado para o Nordeste, visto que, nas demais, o foco é o Brasil ou o eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Já a terceira reportagem tem como foco o trabalho de instituições que ajudam pessoas mais vulneráveis, além de alertar sobre a queda das doações durante a nova onda da pandemia. Os atores sociais principais são as organizações que realizam este trabalho solidário.

A **interpretação causal** nas três reportagens analisadas é de fracasso. Os produtos jornalísticos analisados apresentam caráter denunciativo em relação às desigualdades, diferentemente da maioria dos produtos coletados em março de 2020 na *Folha de S. Paulo*. Na reportagem “Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020”, são relatadas as disparidades sociais entre brancos e negros, na reportagem “Desigualdade digital aprofunda efeito do isolamento social no comércio do Nordeste”, a disparidade digital na região Nordeste e, na reportagem “Doações para vulneráveis caem no momento mais crítico da pandemia”, são retratadas as disparidades sociais entre as pessoas mais pobres.

A **avaliação moral** nas três reportagens é negativa. Em relação a **recomendação de tratamento**, em duas reportagens apresenta-se uma sugestão. Na reportagem “Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020”, é colocado que a população mais vulnerável deve possuir prioridade na vacinação. Utiliza-se como embasamento teórico um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Isso pôde ser percebido em expressões usadas no texto como “é importante observar o salto desse excesso de mortes em cada grupo” e “o impacto das disparidades sociais na perda de saúde da população negra pobre é muito conhecido”. Na reportagem “Doações para vulneráveis caem no momento mais crítico da pandemia”, é retratado a importância da doação, incentivando o leitor a doar. Isso foi observado, por exemplo, logo no subtítulo da reportagem, quando se afirmou que “Apoio da sociedade perdeu força no fim do ano passado, quando o país acreditou que o vírus estava sendo contido”. Na reportagem “Desigualdade digital aprofunda efeito do isolamento social no comércio do Nordeste”, não foi verificada uma chamada a favor ou contra uma determinada ação, somente o relato da problemática.

d) Março de 2021 – Estadão:

Tabela 9: análise do enquadramento das reportagens da *Estadão* coletadas em março de 2021

Título	Bird e FMI querem suspensão de dívida de países pobres até o fim do ano devido à covid	Com agravamento da pandemia, saiba como fazer doação para ajudar no combate à fome
Publicação	16/03/2021	29/03/2021
Editoria	Economia	Brasil
Definição de problema	A reportagem trata sobre o pedido do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) em prorrogar o DSSI, iniciativa criada para tentar resguardar os países mais pobres do mundo dos impactos da pandemia.	A reportagem trata sobre o trabalho de ONGs e demais instituições para arrecadar alimentos e recursos financeiros para as populações mais vulneráveis. A reportagem traz uma lista com institutos que estão recebendo doações.
Interpretação causal	Uso de termos que reforçam que a Covid-19 abalou as economias dos países e que o DSSI é uma medida provisória como “É uma forma de gerar uma espécie de “alívio rápido” para essas nações, mas não resolve o cerne de seu endividamento” e “a covid-19 é causa de uma recessão global que pode levar mais de 100 milhões de pessoas à pobreza extrema”.	Uso de termos que ressaltam que trata-se de um agravamento da pandemia como “no pior momento da pandemia da covid-19” e que, apesar disso, as doações são insuficientes como “as doações que estiveram muito presentes no início da pandemia, agora estão menores”.
	O DSSI é destacado como um importante mecanismo para	A pandemia da Covid-19 voltou a se agravar e as

Avaliação moral	auxiliar os países mais pobres durante a crise econômica acarretada pela pandemia da Covid-19. Porém, são citados outros mecanismos.	doações são essenciais nesse momento. A rede de solidariedade ainda é baixa e, por este motivo, a reportagem divulga instituições que estão arrecadando alimentos e recursos financeiros a serem distribuídos às pessoas mais pobres.
Recomendação de tratamento	Não há recomendação de tratamento, apenas o relato do fato.	A recomendação de tratamento é notada através da conscientização do leitor sobre a importância das doações.

Através da **definição de problema** constatou-se que a primeira reportagem trata sobre uma medida econômica para ajudar os países mais pobres durante a pandemia da Covid-19 e a segunda foca na divulgação de locais que arrecadam mantimentos a serem distribuídos a pessoas mais vulneráveis. Na primeira reportagem, os atores principais são o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), enquanto na segunda são as instituições que organizam as doações.

Observou-se que a **interpretação causal** nas duas reportagens é de sucesso em relação às temáticas abordadas. Na reportagem “Bird e FMI querem suspensão de dívida de países pobres até o fim do ano devido à covid”, a prorrogação da iniciativa de resguardar os países mais pobres durante a pandemia é relatada como um dos caminhos a serem percorridos para colaborar com os países com menor poder aquisitivo. Já na reportagem “Com agravio da pandemia, saiba como fazer doação para ajudar no combate à fome”, as doações são colocadas como um importante mecanismo de, ao menos, minimizar as disparidades sociais.

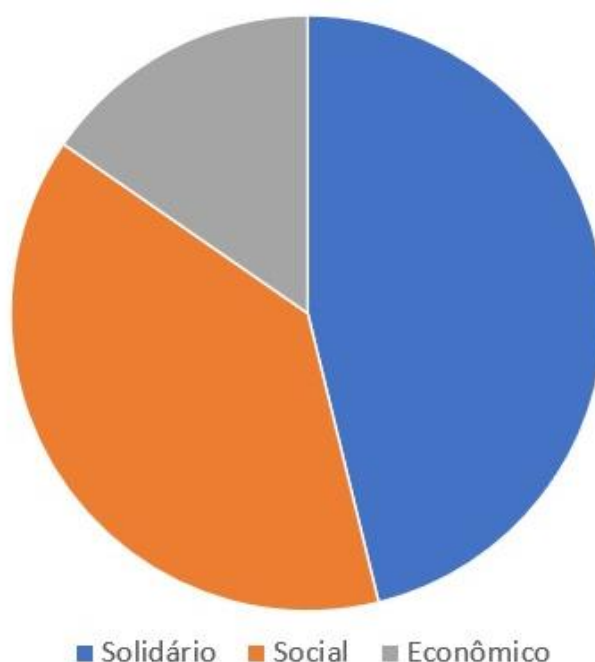
A **avaliação moral** é positiva nas duas reportagens em relação às temáticas centrais. Por último, observa-se que somente na reportagem “Com agravio da pandemia, saiba como fazer doação para ajudar no combate à fome” há **recomendação de tratamento**, à medida em que o

texto incentiva o leitor a realizar doações através da utilização de expressões como “há quem precise deste ato de solidariedade” e “existem pessoas que ainda podem e querem colaborar”. Na outra reportagem não foram encontradas chamadas contra ou a favor à temática, apesar da avaliação moral ser positiva e a interpretação causal ser de sucesso.

5.5 ENQUADRAMENTOS

A partir desta análise do material coletado, foi possível apontar três enquadramentos para as reportagens com a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19:

Gráfico 4: tipos de enquadramentos detectados nas 13 reportagens coletadas dos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*



a) Enquadramento solidário: 46% das reportagens coletadas nos dois portais de notícias tratam sobre ações de arrecadação de dinheiro, mantimentos e demais produtos para pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia da Covid-19. Essas ações são realizadas por empresas, instituições, bancos, movimentos sociais ou figuras públicas. Há reportagens em que são divulgadas informações para que o leitor também possa contribuir com essa ‘corrente’ solidária.

Tabela 10: reportagens com enquadramento solidário

Título da reportagem	Portal de notícia	Data de publicação
Empresários doam R\$ 5 mi para fundo de cestas básicas durante crise do coronavírus	Folha de S. Paulo	24/03/2020
Favelas da região metropolitana do Rio criam movimento contra o coronavírus	Folha de S. Paulo	28/03/2020
Doações somam R\$ 500 milhões em dez dias na luta contra o coronavírus	Folha de S. Paulo	31/03/2020
Gilson Rodrigues tenta impedir que o coronavírus devaste Paraisópolis	Estadão	30/03/2020
Doações para vulneráveis caem no momento mais crítico da pandemia	Folha de S. Paulo	27/03/2021
Com agravamento da pandemia, saiba como fazer doação para ajudar no combate à fome	Estadão	29/03/2021

Das 13 reportagens que compõem o corpus da pesquisa, seis delas apresentam o **enquadramento solidário**. Percebe-se que quatro delas foram publicadas no portal *Folha de S. Paulo*, enquanto duas foram postadas no *Estadão*. Ou seja, a *Folha de S. Paulo* acabou investindo mais em produtos jornalísticos que instigassem mais o leitor a realizar atos de solidariedade. Além disso, quatro reportagens são de março de 2020, enquanto outras duas são de março de 2021. Nota-se ainda que a produção de reportagens que envolvem doações foi maior no início da pandemia da Covid-19.

b) Enquadramento social: 38% das reportagens coletadas nos dois portais de notícias tratam de problemas sociais que atravessam a desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 como falta de moradia e racismo. Além disso, há também um investimento em análises de especialistas sobre a atuação do Governo Federal em relação à pandemia.

Tabela 11: reportagens com enquadramento social

Título da reportagem	Portal de notícia	Data de publicação
Pesquisador de Princeton sugere plano urgente para proteger trabalhadores mais pobres: 'Governo dá sinais de despreparo'	Folha de S. Paulo	23/03/2020
Brasil acerta nas medidas no combate ao coronavírus, mas desigualdade preocupa, dizem especialistas	Estadão	23/03/2020
'A desigualdade social é grave e vai se agravar muito com a epidemia', diz especialista	Estadão	23/03/2020
Cerca de um milhão de paulistanos vivem em moradias superlotadas	Estadão	28/03/2020
Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020	Folha de S. Paulo	19/03/2021

Das 13 reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa, cinco delas apresentam o enquadramento social. Percebe-se que, entre as cinco reportagens, três são do *Estadão* e duas da *Folha de S. Paulo*. Além disso, nota-se que quatro das cinco reportagens foram publicadas no início da pandemia da Covid-19, o que prova, mais uma vez, um cenário de maior preocupação com questões sociais na primeira onda da doença, preocupação esta que foi reduzindo com o passar do tempo, visto que não foram encontradas tantas reportagens em março de 2021, momento em que os casos de Covid-19 voltam a subir.

c) Enquadramento econômico: 16% das reportagens coletadas nos dois portais de notícias tratam sobre o aspecto econômico na desigualdade social durante a pandemia da Covid-19.

Tabela 12: reportagens com enquadramento econômico

Título da reportagem	Portal de notícia	Data de publicação
Desigualdade digital aprofunda efeito do isolamento social no comércio do Nordeste	Folha de S. Paulo	20/03/2021
Bird e FMI querem suspensão de dívida de países pobres até o fim do ano devido à covid	Estadão	16/03/2021

Das 13 reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa, somente duas apresentaram o enquadramento econômico, sendo uma reportagem da *Folha de S. Paulo* e outra do *Estadão*. Nota-se que as duas reportagens foram publicadas em março de 2021, porque tratam sobre os efeitos da pandemia da Covid-19.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 se tornou carro-chefe do jornalismo ao longo desses dois anos. Essa enfermidade causou mudanças radicais na sociedade como o isolamento social, a adoção mais intensiva da educação à distância, do home office, do uso recorrente de máscaras de proteção individual e álcool 70%, a suspensão de eventos festivos, o fechamento do comércio, entre outras. O jornalismo se fez presente nesse processo, ao noticiar os mais diversos aspectos da pandemia. Uma das problemáticas noticiadas foi a desigualdade social, que foi intensificada durante um certo período, mas depois foi inviabilizada. Os mais pobres, sem dúvidas, foram os mais prejudicados durante a pandemia por possuírem dificuldades em seguir as medidas de combate ao novo coronavírus.

Para Bader (2008), as desigualdades não são sempre as mesmas, na medida em que suas causas, estruturas e contextos fazem com que assumam formatos distintos. Por isso, em meio a uma pandemia, novas demandas surgem, ainda mais de uma classe social que já enfrentava problemas. Além da dificuldade em ter acesso à saúde, problema evidenciado durante este período, as pessoas em situação de vulnerabilidade social enfrentaram – e enfrentam até hoje – ainda o desemprego e a fome. Segundo Martins (2020, p. 3), as pessoas mais carentes foram sendo empurradas “a uma escolha perversa e mentirosa entre a atividade econômica, assegurando o alimento, ou o isolamento social, garantindo a sobrevivência”. Desse modo, urgiu cada vez mais a necessidade de políticas mais justas, democráticas e acolhedoras, não só durante a pandemia, mas todos os anos, pois trata-se de uma luta diária.

Para que a desigualdade social seja diminuída – e quem sabe cessada –, são necessárias forças de vários setores da sociedade. Uma delas é o jornalismo, através da exposição da problemática como forma de conscientizar a população e pressionar o poder público a desenvolver estratégias para diminuir as diferenças entre as classes sociais. Na pandemia, por exemplo, a imprensa mostrou a sua importância e influência sobre a sociedade em um momento caótico. Para Oliveira (2018, p. 16), “o jornalismo funciona como uma forma de conhecimento que não é apenas um fim em si mesmo, mas também um meio para se ir atribuindo sentido à realidade envolvente. É neste processo que se vai construindo a própria sociedade”.

Desse modo, a pesquisa foi desenvolvida para a resolução da seguinte pergunta: **quais os enquadramentos dados às notícias sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 nos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão*?** Posto isto, após a análise

do corpus da pesquisa – utilizando técnicas quanti e qualitativa – e da coleta dos resultados, é possível constatar que as reportagens dos portais *Folha de S. Paulo* e *Estadão* sobre a temática desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 apresentaram um dos três destes enquadramentos: solidário, social ou econômico.

No enquadramento solidário encontram-se reportagens que tratam sobre campanhas de arrecadação de mantimentos para pessoas vulneráveis feitas por empresários, instituições ou até mesmo pessoas físicas. Verifica-se que, das 13 reportagens que compõem o corpus da pesquisa, seis apresentam este enquadramento. No social, tratam-se de reportagens que abordaram questões que atravessam à desigualdade social, como a falta de moradia e o racismo. Foram cinco reportagens identificadas neste enquadramento. Por fim, no econômico, somente duas reportagens foram encontradas com esta abordagem. Uma das reportagens trata da desigualdade digital na região Nordeste e como este problema dificultava a adoção do isolamento social, prejudicando empresas. A segunda fala sobre a suspensão da dívida de países pobres em decorrência das consequências da pandemia da Covid-19.

Nota-se que mais reportagens sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 foram publicadas em março de 2020 do que em março de 2021. Contudo, não foram encontradas reportagens que se encaixassem nos critérios da pesquisa na segunda quinzena de março de 2022. Isso revelou uma certa inviabilização da problemática após passados o período mais ‘crítico’ da pandemia. Vale ressaltar que, apesar de, atualmente, não haver tantos óbitos ou casos graves da doença, as consequências da crise sanitária em que vivemos persistem e ainda devem ser sanadas. Por este motivo a importância da abordagem da temática pós-pandemia.

No primeiro ano da pandemia foram oito reportagens – quatro da *Folha de S. Paulo* e quatro do *Estadão* – enquanto no segundo ano de pandemia foram cinco – três da *Folha de S. Paulo* e duas do *Estadão* -. Isso revela uma maior preocupação à temática quando a doença ainda era completamente desconhecida e medidas mais drásticas de contenção do vírus foram tomadas. De acordo com Santos, Saar e Scheibe (2021, p. 10) “o ano de 2020 marcou uma reviravolta no cotidiano de toda a população mundial. A pandemia trouxe cenários com impactos negativos, principalmente no que se refere a cotidiano, lazer, saúde, economia e educação, o que transformou a Covid-19 em personagem principal das reportagens”. Ou seja, não é à toa que a maioria das reportagens com enquadramento solidário foram publicadas em

março de 2020, enquanto as reportagens com enquadramento econômico foram publicadas em março de 2021, quando a doença começa a ser controlada e, embora exista uma nova onda da enfermidade, há uma maior proximidade com a realização da tão sonhada “volta à realidade”, que só começou a ser possível em 2022, mas ainda em passos largos.

Além de investigar quais os enquadramentos dados às reportagens, esta pesquisa foi desenvolvida para cumprir outros três objetivos específicos: 1) promover uma revisão teórica sobre os pilares desta pesquisa – pandemia, desigualdade social, webjornalismo e enquadramento -, revisão esta que é realizada nos próximos três capítulos da dissertação; 2) observar, selecionar e categorizar as reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa – procedimentos que são feitos no quinto capítulo -; 3) verificar se as reportagens sobre a temática da desigualdade social coletadas evidenciaram ou não a problemática durante a pandemia.

Foi possível a realização de uma revisão teórica sobre os três principais assuntos desta pesquisa, além da observação, seleção e categorização das reportagens sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19 na *Folha de S. Paulo* e no *Estadão*. Porém, não é possível verificar ou não se esta produção de conteúdo foi explorada ou não nestes portais de notícias. Isso impossibilita atestar como verdadeira ou não a primeira hipótese desta pesquisa que é de, devido às diversas temáticas a serem trabalhadas sobre a pandemia, como a quantidade de casos confirmados e óbitos, ocupação dos leitos e desemprego, materiais sobre a temática da desigualdade social acabaram não tendo tanto destaque quanto outros assuntos explorados na mídia. Contudo, é possível atestar que o *corpus* desta pesquisa foi suficiente para o desenvolvimento da análise dos enquadramentos dados às reportagens sobre a temática da desigualdade social nos dois meios de comunicação.

Já a segunda hipótese apresentada para esta pesquisa foi descartada. Preliminarmente, acreditava-se que a maioria das reportagens coletadas teriam como abordagem reflexões de especialistas sobre a temática da desigualdade social. Percebeu-se que reportagens deste formato marcaram presença no *corpus* da pesquisa, mas não foram predominantes. O enquadramento que imperou foi o solidário, com foco nas doações feitas às pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Segundo Aquino e Vieira (2020), a OMS chegou a listar as prioridades de pesquisa sobre a Covid-19 e, entre elas, está a integração das ciências sociais aplicadas na resposta à pandemia. “Assim, compreender os ecos sociais diante de contextos desafiadores deve ser parte dos

esforços de mobilização de pesquisadores” (AQUINO; VIEIRA, 2020, p. 166). Desse modo, esta pesquisa se alça como iniciativa de compreender o papel do enquadramento jornalístico na cobertura sobre a temática da desigualdade social durante a pandemia, além de contribuir com o entendimento sobre a doença em seu aspecto social.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. de. **Jornalismo Cidadão**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 31, p. 25-40, 2003.

ABREU, D.; FRANÇA, E.; SIQUEIRA, M. **Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, set-out 2004. p. 1334-1341. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/28.pdf>. Acesso em: 10 out 2020.

AQUINO, Sibeles; VIEIRA, Lívia. **Bem-estar e consumo de notícias durante a pandemia de Covid-19**. Revista Fontes Documentais, 3, 165-174, 2020.

ALDÉ, Alessandra. **Mídia e guerra**: enquadramentos do Iraque. Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), São Bernardo do Campo, SP, 2004.

AMADORI, Rosane; MARQUES, Márcia Gomes. **A instantaneidade e a construção da notícia no jornalismo online**. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste. 2009.

ANTUNES, Elton. **Enquadramento**: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; LEMOS, Carolina Teles. **Sistema de crenças**: uma conceituação. Protestantismo em Revista, v. 43, n. 2, p. 237-255, 2018.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. Journal of Economic Perspectives, Pittsburgh, American Economic Association, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

ALMEIDA, C.; LÜCHMANN, L.; MARTELLI, C. **A pandemia e seus impactos no Brasil**. Middle Atlantic Review of Latin American Studies, 2020, vol. 4, no. 1, 20-25.

Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades**: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade [Internet]. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtenvelhecimentoesaudecoletiva/2020/03/31/pandemia-do-covid-19-e-um-brasil-de-desigualdades-populacoes-vulneraveis-e-o-risco-de-um-genocidio-relacionado-aidade/>. Acesso em: 13 out 2020.

ATKINSON, Anthony. **Desigualdade**: o que fazer?. Lisboa: Bertrand, 2016.

BARATA, R. de C. B. **O que queremos dizer com desigualdades sociais em saúde?**. In: Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde collection, p. 11-21.

BARATA, R. de C. B. **Saúde e Direito à Informação**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, out/dez 1990. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/1990.v6n4/385-399/pt>. Acesso em: 13 out 2020.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo online**: dos sites noticiosos aos portais locais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-jornalismo-online.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

_____. **Jornalismo digital e a informação de proximidade**: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia. 2002. 294 f. Dissertação (Mestrado em e em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade da Beira Interior–Portugal, BOCC, Covilhã, 2002.

BADER, Veit-Michael. **Racismo, etnicidade, cidadania**: reflexões sociológicas e filosóficas. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

BARDI G., BEZERRA WC., MONZELI GA., Pan LC., BRAGA IF., MACEDO MDC. **Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil**: reflexões a partir da terapia ocupacional social. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2020. suplemento, v.4(2): 496-508.

BBC. **4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório**. g1, 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/07/4-dados-que-mostram-por-que-brasil-e-um-dos-paises-mais-desiguais-do-mundo-segundo-relatorio.ghtml> >. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

BECKER, B.. **Hommer Simpson**: O protagonista (in)visível dos 35 anos do Jornal Nacional. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Florianópolis, Brasil, v. 2, n.1, p. 109-121, 2005.

BECKER, B.. **Jornal Nacional**: estratégias e desafios no seu cinquentenário. ALCEU (ONLINE), v. 20, p. 206-225, 2020.

BITENCOURT, Sandra; BERNELEAU, Thierry; BRATTI, Yuri. **Elementos hipermidiáticos na cobertura da Covid-19**: apontamentos de um exercício pedagógico. Fólio-Revista Científica Digital-Jornalismo, Publicidade e Turismo, v. 6, n. 1, p. 26-35, 2020.

BORAH, Porismita. **Conceptual issues in framing theory**: A systematic examination of a decade's literature. *Journal of communication*, v. 61, n. 2, p. 246-263, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade**: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, Gatewatching, realimentação em tempo real**: novos desafios para o Jornalismo. *Brazilian Journalism Research*. Vol. 7, N. 2. Brasília: SBPJor, 2011.

BURKE, Peter & BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg a Internet. Editora Jorge Zahar, 2004.

CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade**: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

CARVALHO, Anabela (2000). **'Discourse Analysis and Media Texts: a Critical Reading of Analytical Tools'** in 'International Conference on Logic and Methodology'. Anais... Colônia: International Sociology Association, 2000, Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3137>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

CAVACA, A. G. et al. **Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiaticização**. RECIIS – RevEletronComunInfInov Saúde, out-dez 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17001/2/6.pdf>. Acesso em: 16 out 2020.

CHRISTOFOLETII (Org.), Rogério. **Vitrine e Vidraça**: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo. LabCom Books 2010, 2010. p. 53-68.

COSTA, Sergio. **Desigualdades, interdependência e políticas sociais no Brasil**. In: Implementando Desigualdades Reprodução de Desigualdades na Implementação de Políticas Públicas. Roberto Rocha C. Pires / Organizador. Rio de Janeiro: Ipea, 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9323/1/Implementando%20desigualdades_reprodu%C3%A7%C3%A3o%20de%20desigualdades%20na%20implementa%C3%A7%C3%A3o%20de%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

Creswell, J. W. (2010). **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ed. Porto Alegre: Artmed.

DE VREESE, Claes H. **New avenues for framing research**. American behavioral scientist, v. 56, n. 3, p. 365-375, 2012.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. Journal of Communication, 43(4), 1993, p. 51-58.

ESPECIALISTAS calculam mínimo necessário de pessoas imunizadas para conter a Covid. G1, 5 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/05/especialistas-calculam-minimo-necessario-de-pessoas-imunizadas-para-conter-a-covid.ghtml>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

ESTADÃO. **Conheça a história da fundação do Estadão**. Estadão, 2021. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,conheca-a-historia-da-fundacao-do-estadao,70003569176,0.htm>. Acesso em: 2 de março de 2022.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. **Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 15, n. 1, 2021.

FERRAZ, L. M. R. **Epidemia e memória: narrativas jornalísticas na construção discursiva sobre a dengue**. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE.

____. **Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira**. Reciis – RevEletronComunInfInov Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewFile/2128/2351>. Acesso em: 12 out 2020.

FRANCISCATO, C.E. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FREITAS, Carlos Machado de, et al. **Boletim Observatório FIOCRUZ COVID-19: Boletim especial: balanço de dois anos da pandemia Covid-19: janeiro de 2020 a janeiro de 2022**. 2022.

G1. **Mortes e casos conhecidos de coronavírus nos estados.** Portal g1, 2022. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso: 6 de março de 2022.

_____. **Internet em casa é realidade em 81,2% das residências do Piauí, diz IBGE.** Portal g1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/09/16/internet-em-casa-e-realidade-em-812percent-das-residencias-do-piaui-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

_____. **Mapeamento mostra aumento do consumo de mídia online no Brasil durante a quarentena.** Portal g1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/04/16/mapeamento-mostra-aumenta-consumo-de-midia-online-no-brasil-durante-a-quarentena.ghtml>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

_____. Profissionais de saúde e cientistas condenam pronunciamento de Bolsonaro sobre a Covid-19. Portal g1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/sociedade-brasileira-de-infectologia-diz-que-distanciamento-social-e-fundamental-para-conter-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

_____. **Veja o que é #FATO ou #FAKE no discurso de Bolsonaro sobre a vacina chinesa.** Portal g1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/10/21/veja-o-que-e-fato-ou-fake-no-discurso-de-bolsonaro-sobre-a-vacina-chinesa.ghtml>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

GARCIA, Adriana Domingues. **Nem tudo é mediatização:** como entender, ver e analisar a complexidade dos processos comunicacionais sem banalizar. *Emancipação*, v. 11, n. 2, p. 215-224, 2011.

GODINHO, Isabel Cavalcante. **Pobreza e desigualdade social no Brasil:** um desafio para as Políticas Sociais. In: Conferência do Desenvolvimento Nacional. 2011.

GOFFMAN, E. **Frame analysis:** an essay on the organization of experience. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos; RENÓ, Denis Porto. **Reportagem:** o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 130, p. 223-242, 2015.

GONÇALVES, Telmo. **A abordagem do Enquadramento nos Estudos de Jornalismo.** In: *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, [S.1.], n. 5/6 jul. 2011.

GRANEZ, Marcio da Silva; CARVALHO, Cristiane Portela de. **Editorias no webjornalismo**. Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2021.

HENRIQUES, Sandra. **Mobilidade e ubiquidade**: novas possibilidades no desenvolvimento do processo jornalístico. Revista Latino-americana de Jornalismo. ISSN, v. 2359, p. 375X, 2016.

HERSCOVITZ, Heloiza G. **Características dos portais brasileiros de notícias**. University Long Beach, Califórnia, v. 2, n. 1, p. 1-24, 2009.

HJARVARD, Stig. **Mediatization**: Theorising the Media as Agents of Social and Cultural Change/Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural.

LAGE, Leandro. **Jornalismo e o dever de memória**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Rede Alcar, Porto Alegre, p. 1-13, 2013.

LANDIM, Cláudio. **Mitigar ou suprimir a disseminação do coronavírus?** Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), 19 de março de 2020. Disponível em <https://impa.br/noticias/mitigar-ou-suprimir-a-disseminacao-do-coronavirus/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

LIMA, André Luiz da Silva (et. al). **Covid-19 nas Favelas**: cartografia das desigualdades. In: Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

LORENZ, Mirko. **Personalização**: Análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João (org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

MAPEAMENTO mostra aumento do consumo de mídia online no Brasil durante a quarentena. G1, 16 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/04/16/mapeamento-mostra-aumenta-consumo-de-midia-online-no-brasil-durante-a-quarentena.ghtml>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

MARTINS, M. D. **A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social**. In: VIDEOCONFERÊNCIA SOBRE PANDEMIA, DEMOGRAFIA E DESIGUALDADE SOCIAL, 2020, Ceará. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D15217.dir/64-Dias-Martins.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

MATTHES, Jrg; KOHRING, Matthias. **The Content Analysis of Media Frames:** toward improving reliability and validity. *Journal Of Communication*, [S.L.], v. 58, n. 2, p. 258-279, jun. 2008. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.2008.00384.x>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

MEDINA, R. S. **A opinião no webjornalismo durante a pandemia: uma análise de conteúdo do jornalismo online brasileiro.** 2021. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências da Comunicação e Estudos dos Média e do Jornalismo. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal. 2021.

MENDES, Eugenio Vilaça. **O lado oculto de uma pandemia:** a terceira onda da Covid-19 ou o paciente invisível. Brasília, DF: CONASS, 2020.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2003. MATRIZES, vol. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p.53-91>.

MUDANÇAS de comportamento e na forma de consumir mídia durante a quarentena indicam novas tendências. Kantar Ibope Media, 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/mudancas-de-comportamento-e-na-forma-de-consumir-midia-durante-a-quarentena-indicam-novas-tendencias/>. Acesso em: 27 de julho de 2022.

MUÑIZ C., 2015. **La política como debate temático o estratégico.** Framing de la campaña electoral mexicana de 2012 en la prensa digital. *Comunicación y Sociedad*, n. 23, pp. 67-95. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32870/cys.v0i23.64>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

NERI, M.; SOARES, W. **Desigualdade social e saúde no Brasil.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2002. p. 77-87. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/2002.v18suppl0/S77-S87/pt>. Acesso em: 5 out 2020.

OLIVEIRA, Daniela Filipa Azevedo. **A instantaneidade da informação:** a colisão com a ética e o Código Deontológico dos Jornalistas. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal, 96 p., 2018.

OXFAM. **A desigualdade mata:** a incomparável ação necessária para combater a desigualdade sem precedentes decorrente da Covid-19. Janeiro, 2022.

PADILHA, Sônia. **A contribuição do webjornalismo na construção da sociedade do conhecimento.** Covilhã: Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação, 2010.

PALÁCIOS, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história.** MATRIZES, v. 4, n. 1, p. 37-50, 2010.

____. **Jornalismo online, informação e memória:** apontamentos para debate. Informação e comunicação online. Jornalismo online, Covilhã, Universidade da Beira Interior, p. 75-89, 2003.

____. **Memória:** Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade:** o 7 princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

PINHEIRO, L.. **Mais pobres têm duas vezes mais chance de ter Covid do que os mais ricos, aponta pesquisa da UFPel.** g1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/23/mais-pobres-tem-duas-vezes-maischance-de-ter-covid-do-que-os-mais-ricos-aponta-pesquisa-da-ufpel.ghtml>. Acesso em: 2 out 2020.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladirmir de Paula. **Em busca do significado da desinformação.** DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação. Rio de Janeiro. 15, 2014.

PIKETTY, Thomas. **A economia da desigualdade.** Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

PONTES, José Alfredo Vidigal. **O Estado de S. Paulo.** Disponível em: <https://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>. Acesso em: 2 de março de 2022.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política.** Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, p. 73-104, 2004.

REESE, Stephen. Prologue – **Framing public life:** a bridging model for media research. In: REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August (eds.). Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 2001, p. 7-31.

RIVERA-ROGEL, Diana et al. + **25 Perspectivas do Ciberjornalismo**. Ria Editorial, 2020. Disponível em: https://indd.adobe.com/view/publication/22a7d61d-c3e6-480f-89f0-cb21a40b6cf7/bwu5/publication-web-resources/pdf/+25_Perspectivas_do_Ciberjornalismo.pdf. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

ROST, Alejandro. **Interatividade**: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

ROTHBERG, D. **Jornalismo e informação para democracia**: parâmetros de crítica de mídia.

ROUSSEAU, J.J.. **Discurso sobre A Origem da desigualdade**. Ed. Eletrônica: Ridengo Castigat Mores. Tradução: Maria Lacerda De Moura. São Paulo: 1975.

S. PAULO, FOLHA. **História da Folha**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 2 de março de 2022.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade**: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do aplicativo Iramuteq**. Planaltina, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

SANTOS, Karla Gabriela Silva dos; SAAR, Cláudia Maria Arantes de assis; SCHEIBE, Roberta. **A utilização de dados sobre o Covid-19 por webjornais brasileiros**. In: 4º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies-Reflexões sobre o ecossistema midiático pós pandemia. 2021.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo e tecnologias da mobilidade**: conceitos e onfigurações. 2008.

SMITH, Greg. **Erving Goffman**. Routledge, 2006.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de et al. **Da Desinformação ao Caos**: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. Cadernos de Prospecção, v. 13, n. 2 COVID-19, p. 331-331, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional /Nelson Traquina – Florianópolis: Insular, 2005. 216 p.

TEIXEIRA, Juliana; MINEIRO, Victória; SOARES JR, Mayron. **Os dispositivos digitais móveis na produção e circulação do webjornalismo**. 2021.

TUCHMANN, Gaye. **Making News**. New York: The Free Press, 1978.

VIMIEIRO, Ana Carolina; DANTAS, Marcela. **Entre o explícito e o implícito**: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. Lumina, v. 3, n. 2, 2009.

WEBER, Carolina Teixeira. **Gatekeeper e gatwatching**– repensando a função de selecionador no webjornalismo. Intercom Sul, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa (PT): Presença, 1987.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 3 Ed, 2012.

____. **Um Brinde a Incomunicação**: Reflexões a partir da Europa. Paulus Editora, 2022.